

Nadir Afonso, biografia, bibliografia, obra

António Quadros Ferreira

Portugal. Professor emérito da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Académico da ANBA, Academia Nacional de Belas Artes. Presidente da CAE de Belas Artes/Artes Visuais da A3ES. Coordenador do Projecto BCIP, *Bases Conceptuais de Investigação em Pintura*.

Nadir Afonso, biografia, bibliografia, obra¹

1. biografia

(...) a biografia de Nadir se assemelha a um romance que irá ditando a narrativa do seu trabalho e vice-versa. O herói é um filósofo - antes mesmo de arquitecto ou pintor - que vê, desde cedo, a ponte romana de Chaves como símbolo (*símbolos*) de ligação (*sým-*) e de movimento (*-bolos*) entre todas as pontes, do Douro ao Siena. A arquitetura e a representação sobrepõem-se, intuitivamente, para o nosso jovem *Huckleberry Finn*; o rio Tâmega converte-se em liberdade de deambulação e em possibilidade para lá do isolamento transmontano “. António Choupina, in *Arquitectura Sobre Tela*, catálogo editado pela Câmara Municipal de Chaves (a propósito da 1ª exposição monográfica dedicada ao percurso arquitectónico de Nadir Afonso), e realizada no MACNA, em Chaves, p44.

A vida de Nadir é sobretudo relevante não pelo que acontece, mas pelo que não acontece... é uma espécie de anti-biografia . Laura Afonso, in *Nadir Afonso - Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, 1990, p.42.

Chaves, 1920-1938

Nadir Afonso, filho oriundo das terras de Barroso, nasce em Chaves no dia 4 de Dezembro de 1920². Os seus antepassados repartiam-se entre os concelhos de Boticas, Chaves e Montalegre. A mãe, Palmira Rodrigues Afonso (1891-1975), tinha

¹ A informação que aqui se inclui, não sendo exaustiva, pretende mesmo assim revelar a informação principal, principalmente ao nível da biografia, e da bibliografia, porquanto a listagem da obra nadiriana ainda está certamente incompleta.

² De acordo com o registo número mil quatrocentos e cinquenta, do assento da página trezentos e oitenta, verso, do livro da inscrição dos nascimentos da Conservatória do Registo Civil de Chaves: “Às dezanove horas do dia quatro do mez de Dezembro do ano mil novecentos e vinte, na quinta dos Codeçais, subúrbios desta vila, nasceu um indivíduo do sexo masculino a quem se vai por o nome de Nadir Afonso Rodrigues, filho legítimo de Artur Maria Afonso, de trinta e oito anos, aspirante de finanças, natural da vila e concelho de Montalegre, e de Palmira Rodrigues Afonso, de trinta anos, doméstica, natural da povoação de Sapelos, freguesia de Sapiãos, concelho de Boticas, e ambos domiciliados nesta vila; neto paterno de João Maria Afonso e Orízia Ferreira da Silva e neto materno de Augusto Rodrigues e de Felisbina Rosa. Foram declarantes o pai do registando e testemunhas que dezejam ser considerados padrinhos, Joaquim Rodrigues, casado, médico e espoza Carlota Ataíde de Sousa Vilhena, doméstica, domiciliados na povoação de Casas Novas, freguesia de Redondelo, deste concelho. Este registo depois de lido e conferido com o seu extracto vai ser assinado por todos. (...)”.

ascendência em Chaves e Boticas, e o pai, Artur Maria Afonso (1882-1961), em Montalegre. Nadir Afonso esteve destinado a chamar-se Orlando. Mas, e em resultado de um encontro inesperado com um cigano, este sugere o nome de Nadir. Com efeito Nadir estava destinado a chamar-se Nadir. “- Muito Orlando será ele”, advertiu o cigano. Assim, “Nadir Afonso (...) assinou com um nome ditado pelas estrelas”, como escreveu Rui Mário Gonçalves, já que o nome Nadir tanto pode ter o significado de raro e auspicioso, como designar um ponto de referência astronómica.

Para Maria José Magalhães:

Orlando, tradução italiana de *Rolando*, tem em *Orlando Innamorato*, de Matteo Maria Boiardo e em *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto, as expressões mais prováveis da referência profética do cigano. Assim, “muito orlando será ele” poderá ser interpretado pela ideia de que seria muito “afamado, célebre, notável”, sendo Nadir um nome mais adequado para o equilibrar nas asas da fama, como ponto de localização, num universo de errâncias e busca incessante do absoluto. *Nadir*, ou norte vertical, ponto em oposição ao zénite, onde o sol se situa à meia-noite, é habitualmente descrito como sendo as nossas raízes, o ponto mais remoto das nossas origens, dos nossos fundamentos da vida. (in “Entre a liberdade e a disciplina através do rigor criativo”)³.

Quando Nadir tinha um ano de idade, a família mudou-se para a Rua da Madalena, hoje chamada Rua Cândido Sotto Mayor, situada junto à Ponte Romana. A casa, onde foram habitar, era de paredes-meias com a Igreja de São João de Deus no Bairro da Madalena. As figuras em granito que encimam a fachada daquela igreja barroca não deixaram de fazer parte do imaginário infantil do pequeno sonhador que ansiava voar.

Nadir começa a trabalhar por intuição na arte aos 4 anos de idade.

E foi justamente com 4 anos de idade que fez a sua primeira pintura: desenhou um círculo vermelho na parede da sala. Segundo se diz, um círculo perfeito. De tal modo perfeito que ninguém se atreveu a repreendê-lo. Quando inquirido pela sua mãe desculpou-se dizendo que nunca conseguiria fazer “uma roda tão bem feitinha”. Resposta que ficou lembrada como um vaticínio: a geometria iria interessá-lo durante

³ In *Nadir Afonso: Itinerário (com) Sentido* (coord. Agostinho Santos), Edições Afrontamento, Porto, 2009, p. 106.

toda a vida e Nadir elegeria o círculo como a forma perfeita da geometria e repetiria incessantemente que “um ponto central equidistante de todos os pontos periféricos é um espectáculo de exactidão”.

No ambiente familiar de Nadir respirava-se arte: o pai escrevia, e a mãe desenhava, sempre que lhes era possível. E até Lerenó, irmão de Nadir, pintava.

Aos 12 anos (em 1932) a família mudou-se para a Rua do Bispo Idácio, numa casa situada sobre a muralha medieval. Chaves é uma cidade impregnada de História, onde todos os recantos são documentos dos tempos egrégios. As diferentes moradas de Nadir, em Chaves, serão sempre engastadas de memórias pátrias: ponte romana, muralha medieval, muralha seiscentista.

Nadir, ele próprio irá ensaiar em Chaves a *pintura ao ar livre* e, dos 12 aos 16 anos (de 1932 a 1936), vai para a rua pintar todas as perspectivas da cidade flaviense – com um cavalete por si desenhado e concluído por um carpinteiro, a que se acrescentaria também uma paleta de madeira.

Aos 17 anos de idade (em 1937) é-lhe atribuído o 2º prémio no concurso “Qual o mais belo trecho da paisagem portuguesa?”, e toda a sua actividade se concentra, então, na prática da pintura. Nadir inicia assim a compreensão de que é possível colocar coisas na pintura que não existem na realidade.

Dos 14 aos 18 anos (de 1934 a 1938) Nadir ainda pintava de forma intuitiva. E é a partir do momento em que vai de Chaves para o Porto que toma consciência da necessidade de reflectir o que de diferente existe entre o artístico e o inartístico. Isto é, inicia então uma reflexão, sustentada por uma prática alimentada pelo trabalho das formas, e que o levará a questionar a estética e o papel do esteta. Nadir deseja ser também, para além de pintor, esteta, no sentido em que, desse modo, teria a possibilidade de pensar a arte. Esta atitude corresponderia a um verdadeiro impulso para organizar um pensamento que permitisse compreender a produção artística. Pensar a pintura seria também a possibilidade de reconhecer a necessidade do tempo para a fazer. E é no contexto do materialismo dialéctico que Nadir começa a eriger o

seu edifício estético, que mais não é do que o princípio do que viria a ser a consolidação de uma racionalização da obra⁴.

“Memórias da máquina de costura” é um conjunto de exercícios de pintura que Nadir realizou quando tinha 18 anos de idade (em 1938), integrados dentro de um designado período surrealista, e que recuperam a memória que da sua mãe possuía quando tinha 4 anos. Isto passa-se na casa de Infância de Nadir, em Chaves, perto da Ponte de Trajano, no Bairro da Madalena.

Com efeito, até 1938 Nadir vive em Chaves – o que lhe marcará profundamente a sua matriz identitária. Até 1938 existem pinturas (em liberdade!) que, sendo ainda de uma juventude em formação, denotam já uma direcção e um rumo fortes de expressão, de procura, e de aproximação a um sentido de procura por uma arquitectura essencial, que tinha na natureza da sua terra natal a origem telúrica fundada na cor dos céus e das montanhas de um espaço e de um tempo de vida que o projectaria para um *mundo de diáspora*.

Da fase inicial, a de Chaves, Nadir teria a sua abordagem (primeira) à pintura, realizando inúmeros trabalhos de adolescência, nomeadamente: em 1936 (*Campinas*, óleo sobre tela, 23x34, *Canto do Rio*, óleo sobre tela, 38x30,7, e *Rua da Cadeia*, óleo sobre tela, 31,5x31,8), em 1937 (*Larouco*, óleo sobre tela, 29x38,5), em 1938 (*Arredores*, óleo sobre tela, 31x37, *Fim de Tarde*, óleo sobre tela, 51,6x36,9, *La Source*, carvão sobre papel vegetal, 12,5x16,5, *Gaia*, lápis sobre papel, 24x24,5, e *Clérigos*, tinta-da-china sobre papel, 18,5x18,8), e em 1936-38 (*Rio Cávado*, óleo sobre tela, 30x32).

Porto, 1938-1946

Em 1938, e concluídos os estudos liceais em Chaves, Nadir dirige-se à Escola de Belas Artes do Porto com a intenção de se inscrever em Pintura. Aqui, segue o conselho do funcionário que entendeu que, uma vez que possuía o curso dos liceus, o melhor seria

⁴ Nadir desenvolve o seu forte entusiasmo pela produção artística, e que de certa maneira encontra, ou reencontra, entre a pintura do irmão (Lereno) que imitava o real de um modo exímio, e o pintor Alves Cardoso que pintava a cidade de Chaves alterando a cor da mesma paisagem, um leque de possibilidades a partir do entendimento de que a realidade apenas poderia ser um pretexto para a pintura. É aqui e agora que Nadir inicia uma auto-reflexão sobre o que deveria ser a pintura.

inscrever-se em Arquitectura. Assim fez sem que em algum momento tivesse deixado de pintar.

Nadir Afonso frequentará Arquitectura, em vez de Pintura, como era seu desejo inicial, porque, aquando da sua inscrição na EBAP, ouve dizer: “A pintura não alimenta o seu homem. Vá mas é para Arquitectura”, uma vez que as habilitações o permitiam. Dir-nos-á Nadir que fez arquitectura como um pintor, isto é, tentando colocar, sempre, a pintura na sua função de arquitecto. É com a matrícula no curso de Arquitectura que Nadir inicia um processo de aproximação à pintura e, ao mesmo tempo, ganha consciência de que a opção pelo curso de Pintura não seria, nesse momento, a mais adequada⁵. Nadir não acreditava no ensino da pintura, antes pensava que só o trabalho poderia orientar, isto é, só trabalhando a pintura, as formas, poderia ser trabalhado por elas. Do mesmo modo que o pintor, a pintura de Nadir é trabalhada pelas formas⁶.

Entre a Rua de Anselmo Braancamp (casa de um tio que Nadir adopta nos primeiros dias da sua chegada ao Porto), e a Rua de Barão de S. Cosme (no nº 228), durante a frequência dos estudos na EBAP, Nadir Afonso viverá na cidade do Porto, entre os 18 e 25 anos de idade. E frequenta uma tertúlia, diariamente, no Café Majestic, a partir das seis horas da tarde.

Na Escola de Belas Artes, Nadir Afonso teve professores muito marcantes, nomeadamente: Dórdio Gomes (1890-1976), Aarão de Lacerda (1890-1947), Carlos Ramos (1897-1969), Rogério de Azevedo (1898-1983), e ainda José de Brito, Manuel Marques, e Rogério Barroca, entre outros.

⁵ A propósito, da pouca convicção do ensino da pintura Nadir Afonso diria, muito recentemente, possuir “(...) a nítida percepção de que existia qualquer coisa de específico na pintura, que se distinguia do puro acto de representação do objecto. Foi no Porto, na escola, que aconteceu a minha tomada de consciência (...)”, in *Nadir Afonso conversa com Agostinho Santos*, Âncora Editora, Lisboa, 2012, p.33.

⁶ Só trabalhando as formas é possível alcançar a compreensão dos seus mecanismos internos. E, compreender os mecanismos internos, pela aplicação da lei que rege os espaços será possível elevar a obra à categoria de arte. Lei esta que se observa, pela sensibilidade, a dimensão constante e universal que potencia a transcendência do absoluto pelo homem. A geometria sobrevém na obra segundo normas de integração e desintegração. Trabalhar as formas é ser trabalhado por elas, é ter consciência e sensibilidade de que, pela manipulação dessas mesmas formas, é possível distinguir as qualidades físicas (perfeição, originalidade, evocação) das qualidades geométricas.

Em 1939, no dia 4 de Dezembro, um grupo de estudantes da Escola de Belas Artes do Porto assina um requerimento pedindo autorização para a fundação da Associação Académica de Belas-Artes do Porto. O grupo de estudantes é constituído por Amândio Silva, Celestino de Castro, Fernando Monteiro, Francisco Valente, Hernâni Moreira, Joaquim Bento d'Almeida, José Borrego, Maria Margarida Soares e, evidentemente, Nadir Afonso. Foi neste grupo de *Alunos da Escola de Belas-Artes* que o denominado *Os Convencidos da Morte*⁷ – em oposição aos *Vencidos da Vida* – e que esteve muito provavelmente na origem das subseqüentes Exposições Independentes.

Em 22 de Março de 1940, *O Primeiro de Janeiro*⁸ dá conta da *III Exposição Independente de Alunos da Escola de Belas-Artes* apresentada na EBAP.

Nadir Afonso participará em todas as exposições até à data da sua partida para Paris, em 1946. O escultor Altino Maia (1911-1988), desde sempre ligado às *Exposições Independentes do Grupo de Alunos da Escola de Belas-Artes do Porto*, escreveria que: “O primeiro tesoureiro do grupo foi o Raul David. O Nadir apontou o risco para a capa do catálogo – uma mão aberta, que eu gravei em madeira”⁹.

Ainda no mesmo texto, e mais à frente, afirmaria:

São unânimes, todos, em apregoar as Independentes como acontecimento notável, atirando nomes como o de Pomar, Lanhas, Rezende, Rui Pimentel, etc., ignorando que tudo partiu do grupo de Estudantes de Belas-Artes, onde não estava nenhum dos nomes citados. Entraram bastante depois¹⁰.

Altino Maia, acrescenta, ainda:

Depois escrevem sobre as Independentes e mais do que preferiam para encher seus linguados. Mas, por um pouco de decência, não atropelem, não baralhem o que não foi com aquilo que aconteceu¹¹.

⁷ Numa entrevista na Rádio, Júlio Pomar terá dito que o grupo *Os Convencidos da Morte* correspondia a uma “orquestração” de Nadir Afonso. Em posterior entrevista à SIC – Notícias, o mesmo Júlio Pomar já concordava com a existência do grupo.

⁸ “Vida Artística”, in *O Primeiro de Janeiro*, Porto (23.3.1940).

⁹ Altino Maia, “Malhando no Ferro Frio – Críticos de Arte”, in *Jornal de Santo Tirso* (10.5.1985).

¹⁰ Idem, *Ibidem*.

¹¹ Idem, *Ibidem*.

A propósito, do Grupo de Estudantes da EBAP, o director da Escola de Belas-Artes do Porto, pintor Joaquim Lopes (1886-1956), diria que:

existia há aproximadamente quatro anos um grupo de estudantes, cujos intuitos e acção sempre foram conduzidos no mais louvável sentido cultural (...) O ambiente era de tal modo correcto que o Director da Escola ou professor que o representasse em regra assistia às festas artísticas ou conferências organizadas pelo referido grupo¹².

Ao longo da frequência dos seus estudos de Arquitectura na ESBAP, Nadir realiza, para além de trabalho de pintura, outros trabalhos colaterais. Nomeadamente, colabora com Raul de Caldevilla (1887-1951), responsável por um friso publicitário no jornal *O Primeiro de Janeiro*, e realizou ainda intervenções em montras. Um destes trabalhos foi para uma montra da Rua de Santa Catarina – Nadir Afonso recorreu a princípios ópticos para uma marca de gabardinas. Aliás, desde muito cedo (desde 1943), que Nadir iniciará a redacção dos seus primeiros estudos – onde o fenómeno da geometria, e da óptica, são centrais na construção de um posterior pensamento estético e artístico.

Com efeito, pintar a cidade do Porto foi o começo do seu trabalho de pintura, isto é, do seu *trabalho de trabalhar as formas*: através, nomeadamente, da *Torre dos Clérigos*, da *Igreja do Grilo*, da *Ponte de D. Luís*, e da *Ribeira*, Nadir Afonso toma consciência do barroco da cidade¹³.

As primeiras pinturas realizadas no Porto são vincadamente pós-impressionistas e expressionistas. Por outro lado, e muito cedo, Nadir começa a expor regularmente, iniciando-se no abstraccionismo geométrico (e no suorealismo, também), quando o país assistia à experiência artística do neo-realismo.

Em Janeiro de 1945, na 9ª Exposição de Arte Moderna realizada no SNI, Secretariado Nacional de Informação, em Lisboa, Nadir Afonso apresenta três pinturas: *Vila Nova de Gaia*, *Porto* e *Clérigos*. As suas pinturas são muito bem acolhidas pela crítica, e o seu trabalho *Ribeira* (de 1942) passa a pertencer ao acervo do Museu de Arte

¹² Joaquim Francisco Lopes, Carta ao director da DGESBA, 18 de Maio de 1946, Arquivo Cdua-FAUP, Pasta FAUP-ADM-018.

¹³ É bem verdade que Nadir Afonso, na fase da sua juventude e formação, terá já uma actividade muito intensa, participando, nomeadamente em todas as exposições do grupo “Os Independentes”, até 1946.

Contemporânea de Lisboa.

No Verão de 1945, Nadir Afonso participa como arquitecto numa missão estética na cidade de Évora, orientada por Dórdio Gomes. Nesta missão estética, participada, para além de Nadir, por Aníbal Alcino, António Lino, Arlindo Rocha, Francisco Castro Rodrigues, Israel Macedo, Júlio Pomar, Júlio Resende, Maria Luísa Tavares, Maria Moutinho, Raul David, e Vasco da Conceição, dir-nos-ia Dórdio Gomes o seguinte:

E, logo, por capricho da sorte um deles [arquitectos] evadiu-se da linha pura, para se embrenhar todo inteiro nas suas visões frenéticas e no labirinto escaldante da sua irrestível paixão pela pintura. Já sabe que me refiro a Nadir, o ponto de interrogação mais perturbante que surgiu lá pelo Porto¹⁴.

Em Évora, Nadir pintaria algumas das obras surrealistas mais significativas, nomeadamente *Évora Surrealista*, onde é nítido o direccionamento da obra no sentido da geometria. Os trabalhos realizados foram expostos em Évora e, mais tarde, em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes. O trabalho de Nadir Afonso começa a chamar a atenção da crítica, nomeadamente do historiador e crítico Adriano de Gusmão:

Nadir Rodrigues, já o notáramos numa exposição de Arte Moderna pelos seus trabalhos de natureza impressionista e fauve. Agora experimenta nova senda, a do surrealismo, em que é particularmente feliz em Évora e Oliveiras. São bonitas essas árvores, transfiguradas em seres antediluvianos, rodeadas por uma atmosfera cheia de delicadas e subtis poalhas de cor. A *Cidade* com uma luz muito original, aparenta certa sugestão cubista. Vê-se pois, que Nadir ensaia os seus passos, encaminhando-se em várias direcções. Em qualquer delas manifesta qualidades dignas de atenção¹⁵.

Nadir Afonso realiza nos anos de conclusão do seu curso de arquitectura, de facto, trabalho de pintura conotado com o surrealismo, justamente quando este movimento adquire uma nova dimensão e dinâmica internacional:

Nestes começos do seu abstraccionismo, verifica-se já uma posição particular de Nadir, conjugando o Surrealismo e o Geometrismo,

¹⁴ Dórdio Gomes, "Mestre Dórdio Gomes fala-nos nos trabalhos da IX Missão Estética de Férias", in *A Defesa*, Évora (15.9.1945), pp.1-2.

¹⁵ Adriano de Gusmão, "Exposição da IX Missão Estética de Férias", in *O Primeiro de Janeiro* (12.12.1945).

muito antes de 1947, que é o ano em que, ao tentar criar-se um grupo surrealista com poetas e pintores, se forjou um fugaz companheirismo cuja mitificação ainda hoje lança graves equívocos na compreensão da história da arte moderna das últimas décadas¹⁶.

Em 1946, e terminada a parte curricular dos seus estudos de arquitectura, Nadir irá trabalhar em Lisboa, por um breve período de tempo, com o arquitecto Fernando Silva (1914-1983), antes de partir para a capital francesa em meados de 1946. Nadir Afonso diplomou-se em arquitectura quando estudava e fazia pintura. E, com ela, viria a abandonar, mais tarde, em 1965, a prática da arquitectura, mas sem prescindir nunca da aprendizagem de arquitecto. Por isso tanto a formação em arquitectura como a função de arquitecto tiveram, em Nadir, uma importância maior do que aquela que é suposta. Nadir Afonso pintor por certo e incertamente arquitecto. Arquitecto por engano?¹⁷.

1946 será um ano decisivo para Nadir porque corresponde, justamente, a um vértice primeiro de procura de uma diáspora que pudesse vir a dar sentido ao seu caminho artístico. Esse primeiro grande vértice viria a ser Paris (depois do Porto). E acontecerá precisamente no centro ou no meio de um fenómeno efervescente na cidade do Porto que, iniciando-se em 1943, terminaria em 1950. Trata-se, com efeito, do grupo-movimento de “Os Independentes”. Onde não deixaria de estar Nadir. Mas a inquietação de Nadir parece extravasar os limites e ambições do grupo do Porto, que o acompanharia para sempre.

No evento inaugural de “Os Independentes” (série de nove exposições, que decorreram entre 1943 e 1950) apresentaram-se Júlio Resende, Nadir Afonso, Fernando Lanhas, Arlindo Rocha, e António Sampaio, entre outros. Mais tarde, seriam acrescentados ao grupo os nomes de Arthur Barbosa da Fonseca, Martins da Costa, Victor Palla e Rui Pimentel. Do núcleo inicial conotado e de facto convocado por estudantes da EBAP, o projecto de “Os Independentes”, na sua 3ª edição (já depois de Lanhas ter assumido, na 2ª exposição, notória liderança, sendo uma espécie de porta-

¹⁶ Rui Mário Gonçalves, *Nadir Afonso* (catálogo da exposição), Galeria Buchholz, Lisboa, Maio de 1972, p.2.

¹⁷ A sua paixão pela pintura não esmoreceu. Nadir continuou a pintar e, em 1940, estreou-se a expor. Nos anos seguintes, os do Período Surrealista da sua pintura, participou em todas as exposições do *Grupo dos Independentes*, até 1946, na IX Exposição de Arte Moderna do Secretariado Nacional de Informação (1944), em Lisboa, e na Missão Estética de Évora (1945).

voz do grupo), passará a ser um projecto, também, de professores. Com a 3ª exposição realizada em Dezembro de 1944 no Salão do Coliseu do Porto, temos a presença dos professores Joaquim Lopes (director da EBAP), e Dórdio Gomes, para além de outros nomes como Abel Salazar, Carlos Carneiro, Guilherme Camarinha, e António Azevedo. Júlio Pomar, que de Lisboa viera, junta-se ao grupo, e ainda Neves e Sousa, e António Cruz.

Por várias razões, “Os Independentes” não são um grupo de ruptura pela ruptura. São antes um grupo de afirmação ou, no limite, um grupo de ruptura de uma assumida necessidade de afirmação. Um grupo que congrega a tradição e a modernidade, acreditando que a ruptura só é possível acontecer no respeito pela história e pelo passado. “Os Independentes” têm, no seu paradigma nuclear, este embrião de lucidez, de diferença, e de modernidade. Por isso, compreende-se o espírito aberto, democrático, e inclusivo, do grupo, e que vai marcar uma espécie de estereótipo comportamental de toda a acção artística conotável com a Escola do Porto. Daqui sairão as referências cruciais que a pintura e escultura portuguesas tiveram de maior abstracção na segunda metade do século XX: Nadir Afonso, Fernando Lanhas, Aureliano Lima, e Arlindo Rocha¹⁸.

Ao mesmo tempo que a EBAP passaria a desenvolver a sua acção reformista e experimental, o Museu Nacional de Soares dos Reis, sob a direcção de Salvador Barata Feyo, irá receber as primeiras obras de artistas nacionais como Júlio Resende, Dórdio Gomes, Eduardo Viana, Carlos Botelho, António Duarte, Lagoa Henriques, Martins Correia e Portinari. Ao nível das galerias, desaparecia a Portugália (que divulgara a obra de Dórdio Gomes, Júlio Resende, Nadir Afonso, e Júlio Pomar), galeria esta que

¹⁸ Em Nadir Afonso será o conjunto de exposições realizadas nos anos 60 e 70, com a designação de “Espacillimités”, que se converte, definitivamente, numa espécie de manifesto artístico, simultaneamente de acção e de teoria estética. Mas outras novidades verificam-se, e que não correspondem, apenas, a momentos de simples confirmação ou consagração. Como é o caso de Júlio Resende que faz aproximar a figuração inicial de uma abstracção, ou o caso de Augusto Gomes que, depois de um início de carreira vincadamente neo-realista, opta mais tarde por soluções de uma inesperada inovação figurativa, como acontece com “Robots”.

tinha por função ser uma alternativa ao Salão Silva Porto que se encontrava desajustado aos tempos e aos desafios novos¹⁹.

Paris, 1946-1956

Com 25 anos de idade, Nadir Afonso parte para Paris, na maior das aventuras. Em Abril de 1946 Nadir Afonso atravessará a fronteira a pé em direcção a Paris. Depois de uma viagem de combóio de três dias, por Barca de Alva e Irun, transportando consigo apenas roupa e algumas telas pintadas (sobre o Porto), o deslumbramento por Paris foi muito forte.

Chegado à capital francesa, e não obstante a cidade encontrar-se devastada pela guerra, restava-lhe uma enorme esperança no sentido de confrontar a sua arte com a arte que se vivia no mundo. Viverá nas águas-furtadas do Hotêl des Mines, no Quartier Latin, com o dinheiro dos honorários que havia recebido no atelier de Fernando Silva.

Os primeiros tempos de Nadir serão de grande exaltação. E estabelece desde logo amizade com os pintores brasileiros Cândido Portinari (1903-1962) e António Bandeira (1922-1967), para além de André Wogenscky. Por recomendação de Portinari Nadir viria a obter uma bolsa do Governo francês, o que lhe permitirá a sua inscrição na École des Beaux-Arts de Paris. De facto, Nadir viria a frequentar, por pouco tempo (cerca de um ano) a École des Beaux-Arts de Paris, não com o intuito de aí aprender pintura, apenas haveria curiosidade em conhecer o ensino da pintura, por comparação com o que conhecia da Escola do Porto. Mas a motivação principal consistia em ser apenas estudante e, com isso, beneficiar desse estatuto.

Entretanto, Wogenscky aceita-o no *Atelier des Bâtisseurs* (ATBAT), fundado um ano antes por Le Corbusier (1887-1965), e que era um consensual ponto de encontro de

¹⁹ Mas, “no meio da efervescência criada no Porto, pela criação do Cineclub e do Teatro Experimental do Porto, Jaime Isidoro e António Sampaio fundam uma ‘Academia’ livre de desenho e pintura, cuja frequência pretendiam opcional ou complementar à ESBAP”, nas palavras, certas, de António Rodrigues. Localizado no nº 171 da Rua da Alegria, a Academia pretendia ser, também, um espaço livre e independente, não surgindo como reacção à ESBAP, antes, aproveitando a dinâmica desta suscitada que estava pela acção de Carlos Ramos, para se fomentar uma acção que tanto podia ser de complementaridade (de ‘extensão’ da ESBAP), como de alternativa (de ‘divulgação’ da arte moderna).

jovens arquitectos vindos de todo o mundo, e logo ali ficaria a colaborar:

O famoso atelier de Le Corbusier era realmente uma mistura de todos os países e de todas as línguas. Mas havia uma característica comum. Eram todos apaixonados. E o mais apaixonado de todos era o Nadir. Não tanto pela arquitectura mas, sobretudo, pela pintura... E pela vida”, Georges Candilis, in Jorge Campos, “Nadir”, filme, RTP, 1993.

Em 1946, e por ocasião da vernissage de uma exposição de Portinari, na Galeria Charpentier, estiveram presentes entre outras individualidades, Pablo Picasso (1881-1973), e Jean Cocteau (1889-1963). Nadir, conversando com Cocteau, ouviria deste uma frase que nunca mais esqueceria: “La célébrité est faite par une succession de désastres”.

Tanto Le Corbusier, como Nadir, coincidem na sua qualidade de serem ambos pintores. O atelier, designado por ATBAT (*Atelier des Bâtisseurs*), surgiu após o convite governamental para a construção da *Unité de Marseille*, e reunia Le Corbusier, que participava com o seu génio, para além de André Wogensky (1916-2004), chefe do atelier, e Vladimir Bodianski (1894-1966), chefe dos engenheiros. Aqui, faz amizade com George Candilis (1913-1995), Xenakis (1922-2001), Shadrach Woods (1923-1973), e com o próprio André Wogensky, entre outros. Teve também oportunidade de trabalhar com Eugène Freyssinet (1879-1962), o inventor do betão pré-esforçado, e de conhecer o próprio Pablo Picasso.

Conhece grandes artistas como Max Ernst (1891-1976), Ozenfant (1886-1966), Herbin (1882-1960), Bloc (1896-1966), e uma panóplia de artistas, à época em ascensão, Mortensen (1910-1993), Magnelli (1888-1971), Max Bill (1908-1994), Jesus Soto (1923-2005), Yaacov Agam (1928), Dewasne (1921-1999), o mímico Marcel Marceau (1922-2007), no Quartier Latin, para além, naturalmente, de Vasarely, com quem manteria uma relação amiga de grande proximidade.

Le Corbusier, ao conhecer o entusiasmo de Nadir pela pintura, convida-o para, em conjunto, executarem o painel existente no atelier da Rue de Sèvres²⁰; concedeu-lhe as manhãs para pintar sem, contudo, descontar no ordenado. No atelier de Le Corbusier

²⁰ O painel realizado em Março de 1948 seria retirado da parede e restaurado em 2004, e integrado em diversas exposições.

Nadir trabalhou, ainda, na *Maison Fada* cujo projecto ficaria conhecido por *Unité d'Habitation de Marseille*. Uma perspectiva deste projecto realizada por Nadir foi reproduzida na revista *L'Homme et l'Architecture*²¹ e, depois, em livros da especialidade em todo o mundo.

Aliás, Le Corbusier testemunhará o trabalho de Nadir no ATBAT, desde 4 de Dezembro de 1946:

Eu declaro que o Sr. NADIR Afonso Rodrigues trabalhou no meu atelier de arquitectura: 35 Rue de Sèvres, Paris, desde 4 de Dezembro de 1946. Ele esteve responsável por estudar, sob minha direcção, o projecto da fábrica Claude & Duval em Saint-Dié (França), um trabalho que ele tem realizado com grande compreensão e finesse e que ele conduzirá, espero, a muito bom fim²².

Ainda, aquando da sua estadia em Paris, Nadir serviu-se, durante algum tempo, do atelier de Fernand Léger. É célebre o episódio da sua participação no Salão de *Moins de trente ans*, onde, depois de admitido, e ainda antes da inauguração, Nadir resolve retirar a sua pintura *Composition* (de 1946), por considerar que o conjunto da exposição era de baixo nível. Diz-nos Nadir: «Quando entrei na sala», «pareceu-me ouvir o meu quadro verde pálido, entalado na parede entre dois monstros de tinta, implorar-me: Tira-me daqui! As críticas mencionaram o trabalho... ausente!»²³.

Passou a frequentar a Galeria Denise René, pois a arte geométrica era a que mais o atraía. Fundada em meados de 1945, esta galeria era então o único espaço em Paris a apresentar arte abstracta. Seria com os artistas ligados a esta galeria que sentirá mais afinidades e aqui cimentará amizade com Vasarely (1908-1997), entre outros.

Em 1948 Nadir Afonso defende a sua tese de Arquitectura no Porto, com um projecto executado em Paris sob a orientação de Le Corbusier. Tese realizada a propósito da fábrica têxtil Duval, em Saint-Dié, e com um tema polémico - *A arquitectura não é uma Arte*, gerando grande discussão, pois, ao defender esta tese, Nadir está a propor-nos

²¹ *L'Homme et l'Architecture*, "L'Unité d'Habitation à Marseille de Le Corbusier", nº 11,12,13, e 14, Paris, 1947, pp. 46-47.

²² In Nadir Afonso, Certificado de Le Corbusier, 1948.03.02.

²³ Nadir Afonso citado por Laura Afonso, in *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Bertrand Editora, Lisboa, 1990, p. 31.

que a liberdade de criação estará ausente do exercício de arquitectura. Deste modo, a sua profunda convicção acerca do caminho da pintura, como exclusivo caminho de arte.

Assim, e na sequência de uma série de peripécias resultantes da apresentação de um projecto polémico para a obtenção do Diploma de Arquitectura, como foi o projecto relativo à fábrica têxtil “Claude et Duval” (inserida num plano de reconstrução urbana de Saint-Dié), Nadir não vê a sua relação com Le Corbusier afectada. Com efeito, após a defesa no Porto da sua tese de arquitectura, Nadir regressa a Paris e devolve todos os documentos originais relativos ao projecto. Assim, tanto graças a Carlos Ramos, como e principalmente, graças a André Wogenscky, Le Corbusier receberia Nadir de braços abertos. A colaboração com o ATBAT prossegue, com uma nova dinâmica, o que virá a permitir as futuras colaborações com Oscar Niemeyer e com Georges Candilis. Deste modo, e segundo António Choupina²⁴, tratar-se-ão de “(...) referências perenes ao *Weissenhofsiedlung* e aos estudos geométricos e lumínicos – na moradia da Avenida 5 de Outubro e no Teatro Rotativo, respectivamente”, projectos estes datados de 1961, e de 1957.

Em 1949 Nadir Afonso decide concorrer a um lugar de arquitecto do Estado na Câmara Municipal de Cascais. Para o efeito, junta à sua candidatura um certificado que Le Corbusier lhe passara em Paris. Acabaria, no entanto, por ser preterido pelo arquitecto Ruy d’Athouguia (amigo e colega de curso na EBAP). Nadir reconhecerá, mais tarde, ter sido uma felicidade não ter ganho este concurso, pois, inviabilizaria obviamente o seu regresso ao ATBAT em Paris, e mais tarde a sua aventura no Brasil: “A chatice que era ser arquitecto em Cascais”, dir-nos-á Nadir, muito mais tarde²⁵.

Chaves, 1949-1950

²⁴ “Da tela para o espaço”, in *Arquitectura Sobre Tela*, catálogo editado pela Câmara Municipal de Chaves, a propósito da 1ª exposição monográfica dedicada ao percurso arquitectónico de Nadir Afonso, e realizada no MACNA, em 2017, p53.

²⁵ In João Cepeda, *Nadir Afonso, o Arquitecto* [texto policopiado], tese de mestrado, Instituto Superior Técnico, Lisboa, 2011.

Nos princípios de 1949, Nadir retira-se de Paris e vive cerca de um ano e meio em Portugal (Chaves), onde apresenta trinta e dois trabalhos numa exposição individual na Galeria Portugália, no Porto.

Na cidade invicta reencontra Fernando Távora que lhe pede para o acompanhar no seu atelier (na Praça D. Filipa de Lencastre, edifício do Hotel Infante de Sagres) para o ajudar a resolver um projecto de arquitectura, apelo ao qual Nadir Afonso acede imediatamente. Fernando Távora pertencia a uma família influente e tinha grande facilidade de angariar projectos, apesar de ainda não ser arquitecto. Dada a experiência de Nadir, convida-o para com a sua prática concretizar uma série de trabalhos. Lembramos que nem Távora nem Lanhas (colega de atelier de Távora) possuíam prática de projectar, nem possuíam ainda os respectivos diplomas. Fernando Távora apenas obteria o diploma, em 1951, e Lanhas só em 1963²⁶.

Nadir Afonso elaborou para Fernando Távora pelo menos três projectos de arquitectura antes de partir novamente para Paris, embora nenhum dos projectos tenha sido construído.²⁷ Tempos antes de falecer Nadir Afonso teve conhecimento de que Fernando Távora assumiu a autoria desses projectos sem referir o nome de Nadir Afonso e chegou mesmo a apresentar para CODA (Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto – CODA) um trabalho totalmente concebido e realizado por Nadir Afonso e a quem mais tarde atribuiu o modesto papel de *aguardador das perspectivas da Casa sobre o Mar*. Se no conjunto da obra de Nadir este trabalho não parece ser relevante, para Távora terá sido essencial pois surge apresentado como projecto seu. Em 2012, Nadir reconheceria que a sua vida “está marcada por situações semelhantes. O Távora a desenhar parecia que tinha umas luvas de boxe calçadas. Compare-se este trabalho com os outros de sua autoria”²⁸.

Entretanto, já no início de 1950, Nadir Afonso decide mudar-se para o Porto durante alguns meses, trabalhando com o arquitecto seu amigo Fernando Moura.

²⁶ Arquivo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (<http://arquivo.fba.up.pt/alumniF.html>).

²⁷ Nomeadamente, o projecto da Casa sobre o Mar, do edifício na Praça dos Leões, e um plano para o Campo Alegre.

²⁸ Agostinho Santos, *Conversa com Nadir Afonso*, Âncora Editora, Lisboa, 2012, p.24.

Paris, 1950-1951

De novo em Paris (em 1950), volta a trabalhar no atelier ATBAT, com Le Corbusier, “onde durante a sua ausência muito se comentou o seu comportamento bizarro”²⁹. As suas improvisações ao piano constituíam autênticos *happenings*. Desde a sua juventude que sentia, muitas vezes, uma vontade compulsiva de tocar piano. Foram memoráveis alguns destes momentos em Paris, nomeadamente na casa de uma sua colega filandesa, Hélène, em que Nadir tocava piano para uma selecta assistência.

A propósito, do seu regresso ao atelier ATBAT, em Paris, dir-nos-á Nadir:

Confesso que depois daquela confusão julguei que nunca mais poria os pés no atelier de Le Corbusier, mas ele soube que eu estava em Paris e mandou-me chamar. (...) Convidou-me a regressar. Recebeu-me de braços abertos e voltei³⁰.

Em 1951 Nadir recebe uma inesperada visita no ATBAT: o arquitecto brasileiro, de Niterói, Manuel Machado, cujos pais eram seus conterrâneos (de Chaves). Consigo levava uma carta de apresentação do pai de Nadir Afonso. Manuel Machado informa-o, então, que gostaria de trabalhar naquele atelier, pedindo-lhe, logicamente, ajuda nesse sentido. O arquitecto brasileiro acaba por trabalhar durante muito pouco tempo no atelier de Le Corbusier, travando com Nadir Afonso uma forte amizade. Passado algum tempo, Manuel Machado regressará ao Brasil, desafiando Nadir a ir consigo. Propõe-lhe formarem uma dupla de arquitectos, utilizando um atelier que o arquitecto brasileiro já possuía em Niterói.

Cerca de seis meses depois de Manuel Machado ter regressado ao Brasil, Nadir Afonso decide por fim aceitar o convite inicial:

(...) Numa célebre noite (...) no Folies Bergère (...) ele começa a lançar-me o seguinte repto: “Você, com toda a sua experiência aqui, no atelier de Le Corbusier, eu com o meu atelier em Niterói, fazíamos um brilharete, uma dupla excelente. Você não quer ir para o Rio?” (...) Confesso que o projecto do Brasil avançava cada vez mais na minha cabeça (...)³¹.

²⁹ Laura Afonso, *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Bertrand Editora, Lisboa, 1990, p. 39.

³⁰ In Agostinho Santos, *Nadir, Itinerário (Com)Sentido* (coord. Agostinho Santos), Edições Afrontamento, Porto, 2009, p.72.

³¹ *Idem. Ibidem.*

Nadir acaba por se decidir pelo Brasil: “(...) Um belo dia, olha, “Vou para o Brasil, tenho um convite para ir para o Brasil, vou para o Brasil”³². Não obstante Nadir dispor dum lugar seguro no atelier de Le Corbusier, decide viajar para o Brasil alimentando assim o seu espírito “irrequieto” e de grande inquietação.

Embora não se sentisse plenamente realizado como arquitecto, a verdade é que, parte para um novo mundo por uma razão directamente ligada à arquitectura – pela primeira vez Nadir deseja, mais do que fazer arquitectura, ensaiar a sua função de arquitecto. Ficarà, no entanto, sempre a dúvida, pois não se poderá dissociar a sua partida para o Brasil no contexto de uma existência aventureira e de um espírito sedento de novas experiências e horizontes, como descreve, aliás, o próprio:

(...) na minha juventude e ainda durante longo tempo, fui imprudentemente atraído pelo brilho das grandes cidades; dos imensos centros da Arte trago na bagagem alguns desgostos da cultura e desilusões da tão celebrada grandeza dos homens³³.

Nadir Afonso faz as malas e, no dia 4 de Dezembro de 1951, escreve à sua família.

(...) O afastamento em que se vive nos grandes meios de arte – a mútua falta de compreensão logo que se juntam 2 pintores – foi sempre para mim um dos motivos de grande desapontamento. Faço hoje 31 anos de idade e encontro-me em Veneza no meio de uma ponte, debruçado sobre o Grande Canal. De um lado está Paris e a Europa, e do outro a América do Sul – no dia 14 embarco em Génova para o Rio de Janeiro³⁴.

Rio de Janeiro, S. Paulo, 1951-1954

Na América do Sul Nadir iniciará um período de colaboração com Óscar Niemeyer (1907-2012) e recomeça um período de mais de três anos divididos entre o trabalho de arquitectura e o trabalho de pintura. Depois de algum tempo no Rio de Janeiro, Óscar Niemeyer envia Nadir para S. Paulo, onde abriu um novo atelier para um acompanhamento mais próximo do projecto da Exposição Comemorativa do IV Centenário da Cidade de S. Paulo, prevista para o Parque de Ibirapuera. Nadir não ambicionava uma carreira de arquitecto, apesar de ter aqui a sua grande

³² In João Cepeda, *Nadir Afonso, o Arquitecto* [texto policopiado], tese de mestrado, Instituto Superior Técnico, Lisboa, 2013.

³³ Laura Afonso, Nadir Afonso, op. cit. p.11.

³⁴ Laura Afonso, Nadir Afonso, op. cit. pp.40-41.

oportunidade. Mas não era nem a arquitectura nem o dinheiro que o moviam: apenas a paixão pela pintura e a necessidade de criação.

Em 1953 é anulada uma exposição programada para o Museu de Arte Moderna de S. Paulo, por discordância com o director do Museu, Wolfgang Pfeiffer (1912-2003), acerca do texto escrito por Nadir, já que o artista se recusou a alterar a sua visão.

Depois de uma breve estada no Brasil, Nadir regressa a Paris³⁵. E virá a fazer parte do grupo da Galeria Denise René, onde expõe alguns dos seus trabalhos em 1956 e 1957, juntamente com Vasarely, Mortensen, Herbin e Bloc, apresentando um *Espacillimité* mecânico no *Salon des Réalités Nouvelles* de 1958.

Com o regresso do Brasil, Nadir dará continuidade, em Paris, a uma série de estudos já realizados e inspirados no barroco português. Nadir utilizará as formas curvas, contracurvas e espiraladas, que preenchem as fachadas da cidade do Porto, e dali extrairia essas formas que, de um modo estilizado e simplificado, serviriam de ponto de partida para as suas pinturas. De seguida, Nadir Afonso trabalhará na Normandia, na reconstrução das cidades destruídas pela Guerra, e inicia um período de viagens: percorre vários países desde a Escandinávia à Grécia e ao Egipto, da costa do Atlântico até à longínqua cidade de Ninji-Novgorod na Rússia.

Paris, 1954

No ano seguinte (1954) Nadir regressa do Brasil a Paris e, passando no Boulevard de Saint-Germain, em frente ao Café Flora, ouviu: “Alfonso!”. Era George Candilis, rodeado por um grupo de pessoas que o convidou a sentar-se e a participar. Tratava-se de uma reunião do CIAM³⁶. Aí começou a colaboração com George Candilis que, tendo abandonado o atelier de Le Corbusier, estabeleceria um gabinete próprio.

³⁵ Nadir Afonso, aquando da sua estadia no Brasil, trabalhará em dois escritórios: primeiro no Rio de Janeiro, e depois em S. Paulo (Rua dos Goianazes). Ao fim de, sensivelmente três anos, regressará a Paris.

³⁶ Laura Afonso, *A crítica na obra de Nadir Afonso – O caso das obras de título cidadão*, tese de mestrado, Universidade Aberta, policopiada, Lisboa, 2010, p.66.

Nadir Afonso retoma, entretanto, o contacto com os artistas orientados na procura cinética e desenvolve os seus estudos de estética, denominando as suas obras de *Espacillimité*, expondo pela primeira vez na Galeria Denise René, em 1956³⁷.

Portugal, 1955

Em 1955, durante uma visita à sua família em Portugal, Nadir é convencido pelo escultor Arlindo Rocha a concorrer ao projecto do Monumento ao Infante D. Henrique a erigir em Sagres.

Após muitos meses de trabalho, de canseiras e despesas contraídas na elaboração do plano, Nadir cruza-se, acidentalmente, na Rua Santo Ildefonso, no Porto, com o Arquitecto João Andresen que, num gesto de amizade, o aconselha a desistir do concurso! Segundo dizia “o prémio já estava atribuído”. “Como pode ser isso se o prazo de entrega dos trabalhos ainda não terminou!”, inquiriu Nadir. “Eu fui oficialmente convidado a elaborar o projecto e é a mim que ele será atribuído”, respondeu Andresen. E assim foi!³⁸.

Paris, 1955-1956

Em Paris, Nadir Afonso alterna o trabalho de pintura com o trabalho de arquitectura, ao mesmo tempo que desenvolve aturada investigação estética. O interesse por esta disciplina leva-o a travar conhecimento com ilustres pensadores seus contemporâneos como Roger Garaudy (1913-2012), Paul Ricoeur (1913-2001), Léon Degand (1907-1958) e Charles-Pierre Bru (1913-1998), entre outros.

Nadir expõe na Galeria Renise René, em 1956 e 1957, juntamente com Vasarely, Mortesen, Herbin, e Bloc, entre outros, e apresentou um *Espacillimité* mecânico no Salon des *Réalités Nouvelles*.

³⁷ Ao interessar-se pelo fenómeno do espaço e do tempo, Nadir concebe as pinturas *Espacillimités*, que são composições em que a tela gira em torno de um mecanismo, num movimento contínuo. O *Espacillimité* animado de movimento consiste numa tela rectangular, unida nas extremidades dos lados menores – espaço ilimitado – e que roda em torno de dois cilindros verticais impulsionados por um maquinismo eléctrico. O conjunto formado pela tela envolvente e pelo mecanismo giratório assenta num suporte em madeira de carvalho, concebido para o efeito. O universo, tal como o concebe a relatividade, é ilimitado mas finito, daí o espaço ilimitado.

³⁸ Laura Afonso, *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Bertrand Editora, Lisboa, 1990, pp.42-44.

Em 1958 Nadir publica, em Paris, *La Sensibilité Plastique*. Este ensaio expressa a génese da sua teoria estética – onde a geometria é considerada a essência da arte -, e que irá desenvolver, noutros trabalhos posteriores, a sua convicção de que “L’art est un spectacle d’exactitude”³⁹.

Em 1958, de novo em visita à família, em Portugal, Nadir traria consigo obras de Vasarely, Bloc e Herbin, com o intuito de realizar entre nós uma exposição desses autores. Esta sua diligência revelar-se-ia infrutífera, pois não obtivera apoios para a efectivação de uma exposição – regressando de novo a Paris com os referidos trabalhos.

Em 1959 Nadir apresenta uma grande exposição na Maison des Beaux-Arts de Paris. Nessa ocasião, André Bloc, director da revista *L’Art d’Aujourd’hui*, pede a Nadir para convidar quem quisesse a escrever um artigo sobre a exposição para ser publicado nessa revista, tendo Nadir sugerido o nome do historiador e crítico português José-Augusto França.

Como arquitecto, Nadir realiza para Georges Candilis os planos de Bagnols-sur-Cèze, cidade associada ao centro atómico de Marcoule, e ainda o plano de Balata, na Martinica.

Chaves, 1961

Em 1961, Artur Maria Afonso (pai de Nadir) viria a falecer, o que fez com que Nadir regressasse a Portugal, de onde lhe tinha sido dirigido, entretanto, um convite para projectar algumas obras em Chaves, vindo a trabalhar durante dois anos com o arquitecto Carlos de Almeida (1920-2009), dividindo a sua vida entre Chaves e Coimbra.

Em Chaves Nadir estruturará o trabalho *Les Mécanismes de la Création Artistique*, que o ocuparia, aliás, durante toda a década de 60. Ao nível da arquitectura, projecta a *Panificadora*, em Chaves, uma das 100 obras de referência da arquitectura do século

³⁹ Nadir Afonso, *La Sensibilité Plastique*, Presses du Temps Présent, Paris, 1958, p.16.

XX em Portugal, eleita pela Ordem dos Arquitectos para figurar num dos cartazes representativos das obras dessa centúria.

A impressionante entrevista a Nadir Afonso, que surge neste primeiro número, objectiva a enorme valia e é o grande interesse das entrevistas. (...) Mas Nadir tem também obras de arquitectura construídas, que muitos arquitectos mais jovens desconhecem por completo. E no entanto são obras das mais ilustrativas do período final do Movimento Moderno em Portugal – veja-se o caso da Padaria de Chaves⁴⁰.

Ainda em 1961 Nadir participaria na Bienal de S. Paulo, e realiza várias exposições em Portugal. Consciente da sua inadaptação social, Nadir refugia-se, pouco a pouco, num grande isolamento: acentua o rumo da sua vida exclusivamente dedicada à criação da obra, mantendo correspondência e desenvolvendo os seus estudos, reiterando o seu pensamento de que a geometria é a essência da arte. A sua situação económica, que deixando de ser adversa, permitir-lhe-ia, agora, alguma estabilidade necessária para a dedicação plena à pintura. Nadir vive de uma forma simples, e recolhida, desenvolvendo o seu trabalho ancorado na formulação de uma teoria estético-filosófica que, sendo muito própria, é um caso verdadeiramente singular no panorama da reflexão escrita e teórica no seio dos artistas portugueses em pleno século XX: “a obra escrita de Nadir Afonso é caso único na bibliografia portuguesa”⁴¹.

Nadir, depois de um período de doença, regressará a Paris, onde a publicação dos seus textos de estética irão absorvê-lo por completo.

Em 1965 Nadir Afonso abandona definitivamente a arquitectura passando a consagrar-se, por inteiro, à pintura.

Em 1967 é atribuído a Nadir Afonso o Prémio Nacional de Pintura e um estudo sobre Nadir Afonso da autoria de Fernando Guedes será publicado em 1968.

⁴⁰ Victor Neves, “Nadir Afonso, pintor e arquitecto”, *Revista Arquitectura e Arte*, Lisboa, nº 1, Maio/Junho, 2000, pp.26-33.

⁴¹ José-Augusto França, *O Futuro Renascimento*, “Homenagem a um artista”, Dinalivro, Lisboa, 2008, p.85.

Em 1969 recebe o Prémio Amadeo de Souza-Cardoso e representa novamente Portugal na Bienal de S. Paulo.

Bolseiro da Fundação Gulbenkian em Paris entre 1969-1970.

Com efeito, as exposições realizadas em Portugal resumem-se a sucessivos fracassos que levariam Fernando Guedes a escrever: “Silenciosamente, passou por Lisboa uma exposição importante. A crítica passou – se passou – por ela como por vinha vindimada”⁴².

O livro *Les Mécanismes de la Création Artistique* é editado na Suíça, em 1970, em três idiomas, francês, inglês e alemão e é a primeira grande publicação duma série que Nadir Afonso vai perseverantemente elaborando. A publicação de *Les Mécanismes de la Création Artistique* é decisiva para a divulgação da obra deste artista que nunca correu a cuidar dos seus interesses como diz Macel Joray:

il est l’homme le moins apte que je connaisse à se faire valoir, à courir les galeries pour être exposé, à assiéger la presse afin que l’on parle de lui. Au fond il est totalement incapable de soigner ses intérêts. Il sait seulement peindre (...) mais admirablement⁴³.

Em 1970 é apresentada uma exposição seminal no Centre Culturel Portugais da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, e outra em Lisboa. O que antecederá uma dinâmica expositiva muito forte por parte de Nadir – que a partir da cidade do Porto parece ter tido origem.

Os anos 70 são anos, então, de confirmação, nacional e internacional, de um projecto que se configura, esteticamente, na ideia de que a pintura constrói-se por via de um discurso, sensível e geométrico, e na reiteração de uma arquitectura fundamental das formas em estado de acção. Nadir Afonso realizaria várias exposições e participaria em exposições colectivas, um pouco por todo o mundo.

⁴² Fernando Guedes, “Não somos tão ricos que possamos dispensar um pintor como Nadir Afonso”, *Diário da Manhã*, 6.6.1998.

⁴³ Marcel Joray citado em *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Bertrand Editora, Lisboa, p.64.

Pelo que, durante os anos 70, Nadir apresenta-se num registo de grande solidão e inconformismo, desenvolvendo um enorme esforço, continuamente, de realização de inúmeras exposições, não abdicando de continuar a erigir o seu enunciado teórico. Constata-se que, apenas nesta década, Nadir terá realizado cerca de 19 exposições. É também por essa razão que a sua obra adquire maior visibilidade – a maioria das suas exposições destes anos comportam maioritariamente trabalhos das séries *Espacillimités*, em conjunto com trabalhos de cidades, como é o caso das exposições nas Galerias Tempo, Dois e Alvarez⁴⁴.

Para Nelson Di Maggio a pintura de Nadir dos anos 70 oferece versões de cidades que recorrem a *formulações perspécticas* insinuando abertamente a terceira dimensão, codificando um discurso plástico amplo: “como se quisesse apanhar os ritmos industriais das cidades, mecanizados, frenéticos, redutíveis a quantidades numéricas”, diz-nos Nelson Di Maggio⁴⁵. O que levará Laura Afonso a dizer-nos, na sequência desta avalanche de actividade produzida, e recebida, que “Portugal descobre que Nadir existe”⁴⁶.

Neste sentido, e depois de revelados Dominguez Alvarez e Amadeo de Souza-Cardoso será a vez, em 1972, de Jaime Isidoro revelar Nadir Afonso. Estratégia essa que passaria, dois anos depois (1974), pela realização de uma exposição na Selected Artists Galleries, em Nova Iorque, por acção também de Jaime Isidoro, numa estratégia concertada de marketing e de descoberta da cidade norte-americana por pintores portugueses (Nadir Afonso, Francisco Relógio, e Henrique Silva, entre outros).

A vida de Nadir tornar-se-ia menos adversa, pois pinta e escreve e o desafogo financeiro, entretanto conseguido, em nada lhe fez mudar a sua vida simples, o despreendimento pelos bens materiais, permanecendo a dificuldade em estabelecer relações sociais. Dividindo o tempo entre Paris e Chaves, onde se encontrava em 1974 quando se deu a revolução de 25 de Abril, participaria nos vários Encontros

⁴⁴ (in «Nadir Afonso» (catálogo de exposição), Galeria Dois, Porto, 1975).

⁴⁵ In «A vanguarda que veio do Porto», *O Jornal*, 1979.

⁴⁶ Laura Afonso, in *A crítica na obra de Nadir Afonso. O caso das obras de título cidadão* (Dissertação de Mestrado: Estudos do Património), Universidade Aberta, Lisboa, 2010, p. 153.

Internacionais de Arte organizados por Jaime Isidoro, surpreendendo-nos pela sua capacidade interventiva e performativa.

No sentido da reabilitação da pintura moderna portuguesa, Jaime Isidoro terá um papel muito relevante, apresentando na Galeria Alvarez/Dois, na cidade do Porto, projectos artísticos de qualidade inquestionável, uns de natureza retrospectiva e póstuma, outros, ainda, relativos a primeiras exposições (individuais). Destacar-se-ão os casos de Dominguez Alvarez, e de Amadeo de Souza-Cardoso, no sentido da sua reabilitação, e o caso de Nadir Afonso, no sentido da sua divulgação.

Com efeito, em 1974 Nadir Afonso apresentará uma exposição em Nova Iorque, na Selected Artists Galleries, demonstrando não só que a arte portuguesa é passível de ser revelada, com sucesso, no exterior, como será para o próprio Nadir uma vértice novo num projecto e processo de diáspora. A partir de Chaves e do Porto, e depois de Paris e de S. Paulo, Nova Iorque, entre muitos outros lugares que serão lugares-cidades para uma diáspora do conhecimento do mundo, ou para a afirmação de uma arte sustentada na ideia de diáspora enquanto possibilidade constitutiva de uma matriz estética e criativa. O pensamento de Nadir é, por isso, universal, mas também singularmente português.

A itinerância do projecto de Nova Iorque é a de um projecto artístico que esteve presente também no Brasil, Londres, Lisboa e Paris. Esta iniciativa da Galeria Alvarez marcou um momento de decisiva viragem numa estratégia de afirmação internacional de um dos nossos maiores pintores do século XX, onde foram postos meios consideráveis de logística e de organização pelo próprio Jaime Isidoro. Desse modo comparando-se, por razões obviamente diferentes, à divulgação que a obra de Amadeo teve em Portugal com a divulgação que a obra de Nadir teria no estrangeiro, se bem que em circunstâncias absolutamente diferentes. Mas o que ressalta, aqui, é o momento simbólico que, para a Galeria Alvarez e para Jaime Isidoro (que organizou milimetricamente a deslocação de Nadir aos EUA), estas duas realidades e realizações representaram em termos de uma simbólica da divulgação da arte portuguesa. Em texto que prefacia a respectiva exposição de Nadir, Michel Gaüzes explica-nos que:

Devant ses peintures une forte émotion me prend à l'idée qu'il a fallu des siècles de décantations sucessives pour parvenir à cet art qui concrétise dans leur essence, les intentions implicites et latentes depuis le XV siècle, pressenties notamment dans les écrits d'Alberti et peut-être déjà dans la pensée des pythagoriciens⁴⁷.

Simultaneamente à exposição de Nova Iorque em 1974 é revelado o texto *Aesthetic Synthesis*, que constitui uma sinopse aberta da teoria estética de Nadir Afonso com reprodução das pinturas expostas.

Entretanto, a revista de *Artes Plásticas* noticiava que:

Um dos renovadores europeus – e mais particularmente parisienses, junto de Vasarely, Baertling ou Dewasne – desta tendência do pós-guerra, apareceu em Nova Iorque como aquilo que nós esperávamos, que nós sabíamos que é: a afirmação de uma forte personalidade e a tradução original de teorias muito pessoais sobre a obra de arte e sobre a criação artística, imagem única no panorama plástico actual. A estilização extrema das paisagens urbanas (...) temas centrais desta exposição foram recebidas em Nova Iorque com entusiasmo e grande interesse⁴⁸.

Para Egídio Álvaro, que prefaciou o catálogo da exposição na Galeria Dois, em 1975, as cidades de Nadir dos anos 70 corresponderão a uma nova vaga abstracta:

Neste regresso à natureza e, em particular, à natureza urbana, chave da nossa civilização, Nadir não deixa de aflorar os seus espaços oníricos dos fins dos anos 40. E, assim, nesta meditação sobre as origens, ele integra-se intuitivamente, na grande corrente europeia, expressa pela terceira vaga abstracta para qual a ortodoxia deixou de ser a palavra de ordem, substituída pelo recurso a uma imaginação fecundante e libertadora que não esquece as exigências do rigor⁴⁹.

Em 1975 Nadir perderá a sua mãe, o que o mergulhará num profundo abatimento. Neste ano redigirá *Le Sens de L'Art*. Em 1975, 1976, e 1977, Nadir Afonso participará nos *Encontros Internacionais de Arte em Portugal*, nomeadamente, em Viana do Castelo (II Encontros, em 1975), na Póvoa de Varzim (III Encontros, em 1976), e Caldas da Rainha (IV Encontros, em 1977)⁵⁰.

⁴⁷ In "Nadir Afonso em New York", *Revista Artes Plásticas*, nº 3, Fevereiro de 1974, p.22.

⁴⁸ *Idem. Ibidem.*

⁴⁹ In, "Nadir Afonso" (catálogo de exposição), Galeria Dois, Porto, 1975.

⁵⁰ Os "Encontros Internacionais de Arte em Portugal", se bem que coerentes e complementares a acções anteriores, e que potenciavam e valorizavam a natureza e acção da Alvarez, directa ou

Em 1979 Nadir apresentará uma nova exposição no *Centre Culturel Portugais* da Fundação Gulbenkian, em Paris. Aliás, os anos 80 serão anos de grande divulgação da obra nadiriana em instituições e colecções internacionais. Nomeadamente: Peter Ruppert, Chase Manhattan, City Bank, J. P. Morgan.

Ainda em 1979, Nadir realizará uma exposição axial na Galeria Dois-Alvarez, no Porto, e com o título de *Espacillimité*. A propósito desta exposição Nadir inscreveria no catálogo um texto seu, onde uma vez mais, explicitaria a sua pintura do ponto de vista da teoria estética conformada em torno das leis e formas geométricas. É em torno do conceito de movimento que se organizam as pinturas *espacillimités*. De certa maneira é não só a eficácia do suporte rectangular da pintura enquanto lugar, mas também esse mesmo suporte enquanto *écran*: aos princípios de ordem geométrica associa-se a leitura do cinetismo da imagem na pintura, adequando o ritmo e o movimento à composição.

Em texto inserto no catálogo dir-nos-á Nadir o seguinte:

Os problemas técnicos suscitados e a oposição dos conceitos pessoais então manifestados levou o *Movimento* colectivo a um *ponto morto*; cada qual entendeu vencer ou melhor, contornar as dificuldades à sua maneira. Este percurso secular não termina no entanto, nas formas elementares da geometria: ele prossegue nas formas elementares animadas de movimento; na chamada – arte cinética. A cinética, tal qual nós a concebemos, é a preocupação de articular a forma do espaço ao ritmo do tempo. É um processo de síntese que tem os seus precursores na arte – óptica" ou – op" e em certas composições – animadas e esculturas – mobiles, se bem que nestas tentativas de estruturação a expressão geométrica e a expressão rítmica colidem mais do que se fundem. As procuras cinéticas deverão ser etapas

indirectamente, aproveitando as sinergias da entretanto edição da *Revista de Artes Plásticas*, correspondem a uma decisão inesperada mas absolutamente coerente e consistente. A função dos "Encontros Internacionais de Arte" resultaram, ou foram criados, na sequência da Revolução do 25 de Abril, e da constação de que existia uma lacuna fundamental na área da cultura e da arte. Jaime Isidoro cedo compreendeu que era importante, senão mesmo fundamental, alargar o âmbito da divulgação da arte, agora através de um comportamento que pudesse aliar a produção artística em directo (isto é, na rua), produção artística essa que seria um pretexto não só para se fazer envolver as populações como para, também, implementar soluções expressivas de vanguarda que concitassem princípios de criatividade pura, princípios de afirmação colectiva e de grupo. A decisão, inicial, dos "Encontros Internacionais" nasce na Casa da Carruagem, em Valadares, na casa de Jaime Isidoro. Encontros esses que se organizavam em torno de individualidades portuguesas e estrangeiras, convidadas, e cuja preparação logística estava sempre a cargo tanto de Jaime Isidoro como de Egídio Álvaro. Aliás, o formato dos Encontros correspondia a uma intervenção, pública, com a duração de 12 dias, e que era constituída pela realização de conferências e debates, mas também de actos de arte performativa pública envolvendo as populações.

orientadas para novas leis de unidade. A evolução da arte foi dirigida, até aos nossos dias, no sentido das harmonias estáticas das formas; isto não quer dizer que não poderá empreender uma orientação dinâmica – no verdadeiro sentido da palavra – integrando as leis rítmicas do tempo, ensaiando articular as harmonias espaciais nas harmonias temporais, isto é, tentando animar, mediante um processo técnico cinematográfico, as composições de arte plástica: não teríamos assim unicamente uma imagem, mas uma sucessão de imagens regidas por leis rítmico- geométricas. A verdadeira arte cinética é esta tentativa⁵¹.

Se até aos anos 80, a vida de Nadir será dividida entre Chaves e Paris⁵², a partir destes mesmos anos Nadir reparte-se entre Chaves e Cascais.

Em 1983 Nadir publica o seu ensaio *Le Sens de L'Art*, onde estabelece a preexistência das leis, através das condições de existência, distinguindo meio físico de meio geométrico, e analisa os erros da percepção tratando o objecto geométrico como fonte de harmonia que concede especificidade à obra de arte. A propósito, deste livro, Marcel Joray, escreveria: “Les écrits de Nadir sont profonds et touchent à l'essence des choses. Ils devraient s'imposer par leurs qualités et je serais porte, à croire qu'ils viseront l'immortalité”⁵³.

Em 1984 Nadir Afonso é condecorado com o grau de Oficial da Ordem Militar Santiago de Espada.

Em 1985 Nadir realiza uma exposição em Granada, Espanha, onde o texto do respectivo catálogo regista que:

(...) resulta harto interesante colocar las “paysajes urbanos” de Nadir Afonso al lado de los de Braque, Delaunay, Picasso, Léger o Boccioni para comprender el paso adelante que significa la pintura de este arquitecto portugués, pues, Nadir parte justamente del límite alcanzado por aquéllos ⁵⁴.

⁵¹ In *Espacillimité* (Catálogo de exposição), Galeria Dois-Alvarez, Porto, 1979, p.2.

⁵² Ao longo dos anos sessenta, são constantes as viagens de Nadir entre Portugal e França, convivendo em Paris com Garaudy, Vasarely, e Gaúzes, nomeadamente. Aliás, é por sugestão de Garaudy que Nadir trabalhará, em Toulouse, com Charles-Pierre Bru, no sentido de obter uma revisão contextualizada das soluções sintáticas para os seus estudos teóricos.

⁵³ Laura Afonso, *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Bertrand Editora, Lisboa, p.64.

⁵⁴ Juan Manuel Gómez Segade, “Nadir Afonso: de arquitecto a pintor”, *Nadir Afonso*, Universidad de Granada, 1985, p.52.

Nadir continua a desenvolver intensa actividade artística nos anos 90.

Em 1990 é lançado um livro com uma síntese biográfica, pensamento estético e inúmeras reproduções da responsabilidade de Laura Afonso, que nos diz:

Neste magnífico livro, elucidativamente intitulado *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, que é uma maravilhosa digressão para o olhar e, também um objecto a reter e a consultar, é o artista que se confessa na Arte que produz e nas palavras que a iluminam, dando-nos conta do que procurou e do que pôde encontrar.

Em 1993 Jorge Campos realiza um filme sobre Nadir Afonso, que nos diz:

“A novidade está em que não é chato, não é uma injeção de tédio nem um soporífero. Prende a atenção do espectador, é bonito, está bem feito. Elucida quem nada sabe e dá “doces” como Xenakis a quem tudo sabe sobre Nadir. Assina Jorge Campos, jornalista da RTP – Porto. A ideia é contrariar a tendência dos bocejos culturais”.

Neste mesmo ano (1993), é atribuído pelo Ministério da Educação o nome de Nadir Afonso a uma escola de Ensino Básico 2+3 em Chaves. Cada vez mais absorvido, Nadir Afonso continua a trabalhar, a expor e a editar regularmente, sendo publicados nos anos subsequentes, álbuns temáticos sobre a sua obra, como *Cidades, Porto, e Obra Gravada*, entre outros.

Considerando que as leis da geometria estão presentes em todo o Universo, e partindo do princípio de que as leis que regem o Universo são as mesmas que regem a obra de Arte, Nadir dá corpo à concretização desta teoria, que expressaria no seu livro *Universo e o Pensamento*, publicado em 2000.

As exposições sucedem-se. Nadir expõe uma centena de pinturas no Centro Cultural de Cascais. O ensaio sobre *Sobre a Vida e Sobre a Obra de Van Gogh* é apresentado em 2002, e é escolhido para melhor livro de Arte na Feira do Livro de Frankfurt, em 2003. O percurso do pintor holandês é analisado e apontada a sua condição de artista com carências económicas, para além da indiferença do público, como factores que condicionaram fortemente a sua obra.

Na XII Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira, em 2003, é apresentada uma mostra de Nadir Afonso na qualidade de artista homenageado. Esta exposição esteve presente ainda no Centro Cultural de Orense, em Espanha.

A obra teórica de Nadir Afonso, alicerçada na capacidade de pensar e de desenvolver raciocínios, refuta a subjectividade e a linguagem da alma, proclama a racionalização da arte, princípios básicos da sua teoria que dá continuidade em *Da Intuição Artística ao Raciocínio Estético*, publicado em 2003, e continuados em *As Artes: Erradas Crenças e Falsas Críticas*, que publicaria em 2005.

Em 2005 é instituída a Fundação Nadir Afonso em Chaves. A apresentação pública do projecto do Museu Nadir Afonso aconteceu em 2009. Tratar-se-ia de um projecto da autoria do Arquitecto Álvaro Siza Vieira⁵⁵.

Enquanto Nadir continua absorvido na incessante procura de respostas às suas interrogações, a sua obra atinge públicos mais vastos ao serem editados, pelos CTT, selos realizados a partir das suas pinturas em 1986, em 2007 e 2009, e painéis em azulejo para espaços públicos, como acontece na estação de metropolitano dos Restauradores, na estação de comboios de Coima, nos Paços do Concelho de Boticas, ou no túnel pedonal de acesso à praia em Cascais. Do mesmo modo são transpostas para tapeçaria várias pinturas pela Manufatura de Tapeçarias de Portalegre e Tapeçarias Ferreira de Sá.

Trabalhador incansável continua a expor com frequência e dá prossecução ao livro *Universo e o Pensamento* (2000), num novo volume *Nadir Face a Face com Eistein*, editado em 2008, e depois *Manifesto: o Tempo não Existe*, em 2010. Nestes trabalhos contesta as normas da física relativista e estabelece o tempo como uma relação

⁵⁵ O Museu destina-se a albergar uma parte significativa do espólio do pintor, esperando-se que seja um motor de difusão, também, do seu postulado teórico e cultural (para além da sua pintura). Em simultâneo, o município de Boticas, através de protocolo assinado com a Fundação Nadir Afonso, construirá o Centro de Artes Nadir Afonso – e que funcionará como extensão da Fundação. O projecto do Centro de Artes Nadir Afonso, da autoria, de Louise Breveman, seria galardoado em 2009 com o *International Architecture Awards*, e com *The Green Good Design Awards*.

matemática entre espaço e movimento, apontando as diferenças entre tempo e duração⁵⁶.

Dir-nos-á Mário Chaves, a propósito de *Nadir Face a Face com Einstein*:

Face a Face é genial, uma vez que é corajoso o embate, introduzindo novas leituras sobre a grandeza da relatividade e do pensamento quântico. Nadir é um herói, ao desafiar-se ao longo da vida nesta aventura maior de provar o desafio do tempo⁵⁷.

Apesar da sua debilidade física, Nadir concebe pinturas realizadas em grandes formatos, e que provocam elevado impacto nas sucessivas exposições que apresenta.

Em 2007, a Companhia de teatro *O Bando* leva à cena, no Teatro Maria Matos, em Lisboa (e mais tarde em itinerância pelo país), um espectáculo de autoria de Madalena Victorino intitulado *A Linha da Viagem: Um Conto Coreográfico em Terras de Nadir*, realizado a partir da obra pintada de Nadir Afonso.

A ideia de pôr toda uma coreografia numa linha que flui, foge e se desenha no espaço de uma história, e de levar um público mais novo a ver pintura e a encontrar-lhe o encanto na descoberta de sentidos, de movimentos, de emoções – foi um desafio que nos quisemos colocar. A partir de telas de Nadir Afonso e de um conto, “Diabo em Terra de Gente”, livremente adaptado, de Carlos Wallenstein, costurámos esta experiência teatral que baloiça entre a racionalidade da pintura cinética e uma coreografia de afectos⁵⁸.

Em 2009 é publicada uma monografia coordenada por Agostinho Santos, com o título *Nadir Afonso, Itinerário com(sentido)*, e apresentada, na Assembleia da República, em Lisboa, a exposição *Nadir Afonso, a Cidade no Homem*.

⁵⁶ A dificuldade da definição de tempo sempre ocupou a filosofia e a ciência. Este problema arrasta-se desde a Antiguidade Clássica e também fez despertar o interesse de Nadir pela arte cinética, dos anos 50, iniciando deste modo as suas lucubrações sobre a relatividade, o tempo, o movimento, a duração, e não foi por acaso que designaria as suas obras cinéticas, dos anos 50, por *Espacillimité*.

⁵⁷ Mário Chaves, “Livros – Nadir face a face com Einstein”, in *Revista ARQ./A – Arquitectura e Arte*, Janeiro de 2010.

⁵⁸ Madalena Victorino, “A Linha da Viagem: Um Conto Coreográfico em Terras de Nadir” (desdobrável), Teatro Maria Matos, Lisboa, 2007.

Em 2010, o Museu do Chiado organiza uma exposição retrospectiva de Nadir Afonso, circunscrita até aos finais dos anos 60. Esta exposição foi apresentada, no Porto, no Museu Nacional de Soares dos Reis, e seguidamente em Lisboa, no Museu de Arte Contemporânea – Museu do Chiado. Este projecto expositivo foi comissariado por Adelaide Ginga:

(...) esta mostra dá a conhecer a surpreendente contemporaneidade da sua obra com a estética surrealista ou a arte cinética, e a ruptura conquistada pelo abstraccionismo geométrico, numa organização por núcleos temáticos sob orientação cronológica⁵⁹.

A acompanhar a exposição do Museu do Chiado é editado o catálogo *Nadir Afonso Sem Limites* em edição bilingue e profusamente ilustrado: “Ao longo do percurso expositivo é possível esclarecer também questões transversais na metodologia de Nadir”⁶⁰.

Para assinalar os 90 anos de Nadir Afonso o Museu da Presidência da República organiza a exposição retrospectiva *Absoluto*, que depois seguiria para Évora, para a Fundação Eugénio de Almeida, e mais tarde para Bragança, para o Museu do Abade de Baçal.

Em 2010 Nadir Afonso é condecorado com o grau Grande Oficial da Ordem Militar Santiago de Espada.

Em 2010 Nadir Afonso é Doutor Honoris Causa pela Universidade Lusíada e, neste contexto, Mário Chaves apresentou *Nadir Afonso: Arquitecto e Pintor, no Mundo*.

Em 2012 Jorge Campos realiza o filme *Nadir Afonso: O Tempo não Existe* (como já tinha realizado, em 1993, o filme *Nadir*). Este trabalho seria apresentado no Teatro Nacional de São João (Porto), acompanhado de uma exposição de fotografias de Nadir Afonso, da autoria de Olívia Silva, e da apresentação dos livros *Conversas com Nadir Afonso*, e *Era uma vez um menino chamado Nadir*, de Agostinho Santos.

Membro Honorário da Ordem dos Arquitectos.

⁵⁹ Adelaide Ginga, “Nadir Afonso Sem Limites / Without Limita” (roteiro da exposição), Museu Soares dos Reis, e Museu do Chiado, Porto, e Lisboa, 2010, p.3.

⁶⁰ *Idem. Ibidem.*

Em 2012 Nadir Afonso é Doutor Honoris Causa pela Universidade do Porto e, neste contexto, é apresentado o livro de António Quadros Ferreira, com o título de *Nadir Afonso, Arte, Estética e Teoria*.

Ainda em 2012 é apresentada uma exposição antológica, em Roma, no Museu Carlo Bilotti/Vila Borghese, e complementada por outra, em Veneza, no Istituto Veneto di Scienze Lettere e Artis, acompanhada por um catálogo bilingue, italiano e inglês, *Percorsi per una Nuova Estetica* coordenado pelo curador Stephano Cecchetto.

Em 2013 realiza-se uma exposição no Museu Nogueira da Silva, Braga. Exposição *Harmonia Eterna* por ocasião da inauguração do Centro de Artes Nadir Afonso em Boticas. Publicação de *Nadir Afonso: Absoluto*.

Exposição no Museu do Vinho da Bairrada - Anadia.

Publicação de *Nadir Afonso, Arquitecto* de autoria de João Cepeda.

Nadir Afonso viria a falecer em Cascais em 11 de Dezembro de 2014.

Em 2014 Exposição Museu Amadeo de Sousa Cardoso, Amarante.

Publicação de *A Invenção do Tempo* de Nadir Afonso, Universidade Lusíada.

Exposição *Sequenzas* no Centro de Artes Nadir Afonso em Boticas.

Publicação de *Nadir Afonso: Sequenzas*.

Exposição Intemporal Museu no da Vila Velha, Vila Real.

Publicação de *Nadir 16.11.00* de António Quadros Ferreira.

Exposição na Quinta da Cruz da Câmara Municipal de Viseu, Viseu.

Exposição *Nadir Afonso – Anos 40* na Fundação Cupertino de Miranda, Porto.

Exposição *Nadir Afonso – Anos 70* na Assembleia da República.

Ciclo de Fotografia e Cinema Documental: *Imagem do Real Imaginado* promovido de ESMAE homenageia Nadir Afonso.

Em 2014, Exposição no Museu Amadeo de Sousa Cardoso, Amarante.

Publicação de *A Invenção do Tempo de Nadir Afonso*, Universidade Lusíada.

Exposição Sequenzas no Centro de Artes Nadir Afonso em Boticas.

Publicação de *Nadir Afonso: Sequenzas*.

Exposição Intemporal Museu no da Vila Velha, Vila Real.

Publicação de *Nadir 16.11.00 de António Quadros Ferreira*.

Exposição na Quinta da Cruz da Câmara Municipal de Viseu, Viseu.

Exposição *Nadir Afonso – Anos 40* na Fundação Cupertino de Miranda, Porto

Exposição *Nadir Afonso – Anos 70* na Assembleia da República

Ciclo de Fotografia e Cinema Documental: *Imagem do Real Imaginado* promovido de ESMAE com homenagem a Nadir Afonso.

Em 2015, Exposição *Nadir Afonso - Eros* no Centro de Artes Nadir Afonso em Boticas.

Exposição *Nadir Afonso – Anos 70* na Casa da Cultura Jaime Lobo da Silva na Ericeira

Exposição *Nadir Afonso* no Centro Cultural Gil Vicente no Sardoal

A Faculdade de Belas Artes do Porto celebra os 95 anos do nascimento de Nadir Afonso com a apresentação do filme *Nadir*, de Bernardo Pinto de Almeida.

Em 2016, Exposição *Nadir Afonso - Sequenzas* no Museu Nacional Machado de Castro.

Exposição *Nadir Afonso – Só depois é amanhã*, casa Museu Teixeira Lopes e Convento Corpus Christi em Vila Nova de Gaia.

Inauguração do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, projecto de Álvaro Siza.

Exposição *Nadir Afonso: Chaves para uma obra*

Publicação de *Nadir Afonso: Chaves para uma obra* com coordenação de Bernardo Pinto de Almeida.

Em 2017, exposição de Nadir Afonso *A Arte e a Matemática*. Sala Júlio Resende no Auditório Municipal de Gondomar

Exposição e apresentação do livro-catálogo *Nadir Afonso: Arquitetura sobre tela* no Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso.

Exposição *Nadir Afonso* organizada pela Câmara Municipal de Castelo Branco.

Exposição *Nadir Afonso, desenhos* no antigo Paço do Concelho de Viana do Castelo.

Em 2018, apresentação do livro *Nadir Afonso - O pintor das Cidades Geométricas*, de Raquel Ramos, publicado por Edições Afrontamento.

Surge em Vila Real o *Movimento Pró Nadir Vamos salvar o edifício da PANREAL* – projecto NADIR AFONSO - em Vila Real.

Exposição *Nadir nas Cidades* no Centro de Artes Nadir Afonso em Boticas.

Nadir sofreu, ao longo da sua vida artística, todas as formas de exclusão e de injustiça. Contudo, a obra existe, e é por si só testemunho de um legado único e singular para a história da arte contemporânea e moderna portuguesa. Nadir Afonso, que continuaria a trabalhar até ao último dos seus dias com total determinação, nunca chegou a realizar uma grande exposição que integrasse a totalidade da sua obra, do seu enunciado, e do seu percurso artístico.

2. bibliografia

bibliografia activa

- AFONSO, Nadir. *La Sensibilité Plastique*, Presses du Temps Présent, Paris, 1958.
- AFONSO, Nadir. *Les Mécanismes de La Création Artistique*, Editions du Griffon, Neuchâtel, 1970.
- AFONSO, Nadir. *Aesthetic Synthesis*, Edições Alvarez e Selected Artists Galleries, Nova Iorque, 1974.
- AFONSO, Nadir. *Espacillimié* (Catálogo de exposição), Galeria Dois-Alvarez, Porto, 1979.
- AFONSO, Nadir. *Le Sens de l'Art*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1983.
- AFONSO, Nadir; SEGADE, J. M. Gómez; LEAL, José Garcia, GUEDES, Fernando. *Nadir Afonso*, Universidad de Granada, Granada, 1985.
- AFONSO, Nadir; AFONSO, Laura. *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Bertrand Editora, Lisboa, 1990.
- AFONSO, Nadir; GAÜZES, Michel. *Nadir Afonso*, Bial, Porto, 1994.
- AFONSO, Nadir. *Nadir Afonso* (monografia), Livros Horizonte, Lisboa, 1998.
- AFONSO, Nadir. *O Sentido da Arte* [1983], (Tradução de Albertina Caco), Livros Horizonte, Lisboa, 1999.
- AFONSO, Nadir. *Universo e Pensamento*, Livros Horizonte, Lisboa, 2000.
- AFONSO, Nadir. «A propósito de Nadir Afonso», *Expresso*, Lisboa (12/05/2001).
- AFONSO, Nadir. *Sobre a Vida e sobre a Obra de Van Gogh*, Chaves Ferreira Publicações, Lisboa, 2002.
- AFONSO, Nadir. *Da Intuição Artística ao Raciocínio Estético*, Chaves Ferreira Publicações, 2003.
- AFONSO, Nadir; SEGADE, J. M. Gómez. *O Fascínio das Cidades* (tradução de Fernão de Magalhães Gonçalves), Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2003.
- AFONSO, Nadir. *As Artes: Erradas Crenças e Falsas Críticas / The arts : erroneous beliefs and false criticisms* (tradução Alexandra Andresen Leitão), Chaves Ferreira Publicações e Fundação Nadir Afonso, Lisboa, 2005 (ed. bilingue: português e inglês).
- AFONSO, Nadir. «Futuro», Futuro (Catálogo da exposição), *Jornal de Notícias*, Porto, 2007.
- AFONSO, Nadir. «Depoimento de Nadir Afonso», *Revista Povos e Culturas*, nº 12, Centro de Estudos dos Povos e Cultura de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Maio 2008.
- AFONSO, Nadir. *Nadir Face a Face com Einstein/ Nadir Face to Face with Einstein* (trad. Alexandra Andresen Leitão), Chaves Ferreira Publicações e Fundação Nadir Afonso, Lisboa, 2008 (ed. bilingue: português e inglês).
- AFONSO, Nadir. *Obra Gravada*, Edições Coelho Dias, Lisboa, 1999.
- AFONSO, Nadir. *Manifesto: O tempo não existe*, Dinalivro, Lisboa, 2010.
- AFONSO, Nadir. *A Matemática essência da Arte*, a editar.

bibliografia passiva

- AFONSO, Laura. *A Crítica da obra de Nadir Afonso. O caso das obras de título cidadão* (Dissertação de Mestrado: Estudos de Património), Universidade Aberta, Lisboa,

2010.

ALMEIDA, Bernardo Pinto. *Pintura Portuguesa no século XX*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1993.

CARDOSO, António. *Sínteses = Arte + António Cardoso*, Edições Gémeo, Porto, 2004.

FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)*, 4a edição, Livros Horizonte, Lisboa, 2009.

FRÓIS, João Pedro (coord). *O Primeiro Olhar*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2002.

GADERIAN, Dietmar; LEMOINE, Serge; NOCKE-SCHREPPER, Hella; WEINBERG-STABER, Margit Konkrete. *Kunst in Europa Nach 1945/ Concrete Art in Europe after 1945*, Hatje Cantz Publishers, Berlim, 2003.

GONÇALVES, Rui Mário. *Pintura e escultura em Portugal – 1940-1980*, Biblioteca Breve – Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1983.

GONÇALVES, Rui Mário. *100 Pintores Portugueses do Século XX*, Publicações Alfa, Lisboa, 1993.

GUEDES, Fernando. *Nadir Afonso*, Verbo, Lisboa, 1968.

GUEDES, Fernando. *Estudos sobre Artes Plásticas. Os anos 40 em Portugal e Outros Estudos*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1985.

GUILLAUME, Marc. *A Política do Património*, Campo das Letras, Lisboa, 2003.

NAZARÉ, Leonor (coord.). *Roteiro da Coleção, Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2004.

RAGON, Michel; SEUPHOR, Michel. *L'Art Abstrait : 1945-1979*, Maeght Éditeur, Paris, 1974.

PEREIRA, Paulo (direc). *História de Arte Portuguesa*, Temas e Debates, Lisboa, 1995.

SILVA, Sara (coord). *O Futuro Renascimento*, Dinalivro, Lisboa, 2008.

SANTOS, Agostinho (coord). *Nadir Afonso: Itinerário (com)sentido*, Edições Afrontamento / Fundação Nadir Afonso, Porto, 2009 (ed. em português, castelhano e inglês).

QUADROS FERREIRA, António. *Nadir Afonso, Arte, Estética e Teoria*, Edições Afrontamento, Porto, 2012 - ISBN 978-972-36-1268-4

QUADROS FERREIRA, António. *NADIR.16.11.00*, Entrevista (com Tomé Quadros, video), Edições Afrontamento, Porto, 2014 – ISBN 978-972-36-1382-7

catálogos

ALMEIDA, Bernardo Pinto. *Nadir Afonso*, «Nadir ou a pintura como pura sugestão», Galeria Ap'Arte, Porto, 2010.

ÁLVARO, Egídio. «Nadir Afonso», Galeria Dois, Porto, 1975.

ARTE Portuguesa nos Anos 50, Fundação Gulbenkian/Câmara Municipal de Beja, Lisboa, 1992.

CARDOSO, António. «Nadir Afonso», Museu Amadeo de Sousa-Cardoso, Amarante, 1988.

CHAVES, Joaquim Matos Chaves. «Nadir Afonso», Galeria 5, Coimbra, 1987.

CONCRET Art In Europe after 1945, Hatje Cantz, Berlim, 2002.

CONCURSO de Projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres.

Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, Lisboa, 1957.

DIAS, José Henrique. «Nadir Afonso – De *La Sensibilité Plastique* a *Le Sens de l'Art*»,

- Nadir Afonso no século XXI*, Museu Municipal - Edifício Chiado, Coimbra, 2009.
- GAÜZES, Michel. «Nadir Afonso», Selected Artists Galleries INC, New York, 1974.
- GINGA, Adelaide. «Nadir Afonso Sem Limites /Without Limits», Museu Soares dos Reis e Museu do Chiado, Lisboa, 2010.
- GONÇALVES, Rui Mário. *Nadir Afonso*, Galeria Buchholz, Lisboa, 1972.
- GONÇALVES, Rui Mário. «Nadir vem de Nadir», *Nadir Afonso*, Câmara Municipal de Chaves, Chaves, 1993.
- GONÇALVES, Rui Mário. «Na génese da expressão do espaço e do tempo», *Nadir Afonso*. Galeria António Prates, Lisboa, 2007.
- PINTO, Ricardo; CHAVES, Mário João. «Nadir Afonso: Cidades de um flâneur», Fundação Minerva Universidade Lusíada, Lisboa, 2005.
- QUADROS FERREIRA, António. “Nadir Afonso, A Teoria Como Lição”. In Afonso, Laura & Almeida, Bernardo Pinto de. *Nadir Afonso, Chaves para uma Obra*. Chaves: Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, 2016, pp 65-114. ISBN: 978-972-97158-8-4
- RAMOS, Carlos. *VII Exposição Magna da Escola Superior de Belas-Artes do Porto*. Porto, 1959.
- REVOLUÇÃO Cinética. Museu do Chiado, Lisboa, 2008.
- SILVA, Raquel Henriques. *Arte Partilhada Millennium BCP*, (catálogo de exposição), Fundação Millennium BCP, Lisboa, 2009.
- VICTORINO, Madalena. «*A Linha da Viagem: um Conto Coreográfico em Terras de Nadir*», (desdobrável), Teatro Maria Matos, Lisboa, 2007.
- VI BIENAL de S. Paulo, Fundação Bienal de S. Paulo, S. Paulo, 1961.
- X BIENAL de S. Paulo, Fundação Bienal de S. Paulo, S. Paulo, 1969.
- XII Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira, Projecto: Núcleo de Desenvolvimento Cultural, Vila Nova de Cerveira, 2003.

jornais, revistas e outros

- A. B. A.. «A 9ª Exposição de Arte Moderna», *Jornal do Comércio* (28/01/1945).
- AFONSO, Laura. «Plágio!», *Jornal de Notícias*, Porto (05/12/2001).
- ALMEIDA, Bernardo Pinto. «Nadir Afonso na Cooperativa Árvore: síntese magistral de uma obra», *Notícias da Tarde* (19/11/1983).
- ALMEIDA, Bernardo Pinto. «Entre fidelidade e rigor: perfil de Nadir Afonso», *Notícias da Tarde*, Porto (19/02/1984).
- BALSA, Helena. «Nadir Afonso: um regresso geométrico à natureza», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa (18/02/1986).
- BARROS, Francisco. «Pintor Alves Cardoso», *Era Nova*, Chaves (23/03/1930).
- BARROS, Leitão. «A Exposição de Arte Moderna no Secretariado», *O Século*, Lisboa (18/01/1945).
- BRÁS, António José. «Nadir Afonso», *Visão* (11/04/2001).
- CARNEIRO, Manuel. «Nadir Afonso: “A minha obra evolui para leis constantes”», *J.L. - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa (07/12/1987).
- CHAVES, Mário. «Nadir Face a Face com Einstein – Nadir Afonso», *Arq/A, Arquitectura e Arte*, nº 80 – 81, Janeiro -Fevereiro, 2010.
- DACOSTA, A. «9.a Exposição de Arte Moderna no Estúdio do S. N. I.», *Diário Popular*, Lisboa (18/01/1945).
- DIAS, José Henrique. «O universo de Nadir», *Jornal de Notícias*, Porto (04/12/2000).
- FERREIRA, Jaime. «O mais original dos pintores portugueses. Nadir Afonso é

- homenageado pela cidade de Chaves», *Comércio do Porto*, Porto (16/10/1982).
- FRANÇA, José-Augusto. «Notas e lembranças», *Diário de Notícias*, Lisboa (23/04/1959).
- FRANÇA, José-Augusto. «Nadir Afonso», *Art d'Aujourd'hui*, n.º 24, Paris, Dezembro 1959.
- FRANÇA, José-Augusto. «Folhetim artístico. Homenagem a um artista», *Diário de Lisboa*, Lisboa (11/11/1982).
- FREITAS, Lima. «Nadir Afonso ou a cidade geometrizada», *Diário Popular*, Porto (13/07/1972).
- GARCIA, Pinto. «A vingança do pintor Nadir: 4000 contos em 3 horas», *Flama*, Lisboa (18/8/1972).
- GOMES, Dórdio. «Mestre Dórdio Gomes fala-nos nos trabalhos da IX Missão Estética de Férias», *A Defesa*, Évora (15-9-1945).
- GONÇALVES, Rui Mário. «Nadir vem de Nadir», *J.L. - Jornal de Letras, Artes e Ideias* (08/06/1993).
- GUEDES, Fernando. «Não somos tão ricos que possamos dispensar um pintor como Nadir Afonso», *Diário da Manhã*, Lisboa (6-6-1968).
- GUSMÃO, Adriano. «Artes Plásticas. 9ª Exposição de arte Moderna», *Seara Nova*, Lisboa (03/02/1945).
- GUSMÃO, Adriano. «Exposição da IX Missão Estética de Férias», *O Primeiro de Janeiro*, Porto (12/12/1945).
- LEITE, Agostinho. «Nadir Afonso: A eterna busca das formas» *Jornal de Negócios*, Lisboa (23/03/2007).
- LOBO, Paula. «À procura da harmonia no espaço», *Diário de Notícias*, Lisboa (02/03/2002).
- M. A.. «Le Corbusier: Cinco minutos e conversa com o arquitecto Nadir Afonso que colaborou com o grande construtor», *O Primeiro de Janeiro*, Porto (07/07/1948).
- M.A.. «Exposições de Arte», *Diário de Notícias* (19/09/1970).
- MACHADO, António. «Grandes artistas plagiaram a minha obra: Nadir Afonso ao DL», *Diário de Lisboa*, Lisboa (20/07/1972).
- Di MAGGIO, Nelson. «A vanguarda que veio do Porto», *O Jornal*, Lisboa (1979).
- MAIA, Altino. «Malhando no Ferro Frio – Críticos de Arte», *Jornal de Santo Tirso*, (10/05/1985).
- MARQUES, Alfredo. «O geometrismo de Nadir Afonso» *Diário Popular*, Lisboa (24/09/1970).
- MARTINHO, José. «Perspectivas da arte», *Expresso (Cartaz)*, (03/07/1999).
- MATOS, Joaquim. «Nadir Afonso», *Letras & Letras*, n.º 80, Porto (07/10/1992).
- NEVES, Victor. «Nadir Afonso, pintor e arquitecto», *Revista Arquitectura e Arte*, Lisboa, n.º 1, Maio/Junho, 2000.
- NUNES, Valdimiro. «Nadir Afonso: A emoção da geometria», *Arquitectura e Vida*, Janeiro 2006.
- OLIVEIRA, Mário. «Encontro com Nadir Afonso», *Diário de Notícias*, Lisboa (11/02/1971).
- PAMPLONA, F. «O construtivismo de Nadir Afonso na Galeria S. Mamede», *Diário de Notícias*, Lisboa (04/05/1979).
- PENSO, Maria do Céu. «Nadir Afonso: da geometria à arte», *Semanário Transmontano* (11/04/1997).
- PEREIRA, José Fernandes. «Génese e Rumos da Contemporaneidade Portuguesa», *Arte e Teoria* n.º 6, Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, Lisboa, 2005.

- PERNES, Fernando. «Pintura de Nadir Afonso», *Diário de Notícias*, Lisboa (29/05/1979).
- PERNES, Fernando. «Nadir Afonso», *Colóquio Artes*, nº 41, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979.
- PINHARANDA, João. «Nadir Afonso: evocação de um percurso», *J.L. - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa (05/01/1987).
- PIRES, Porfírio Alves. «Nadir Afonso», *Diário de Lisboa*, Lisboa (03/01/1987).
- POMAR, Alexandre. «Razão e excesso», *Expresso*, Lisboa (07/04/2001).
- PRÍNCIPE, César. «Nadir Afonso. Cultura da invenção e culto da exactidão», *Jornal de Notícias*, Porto (20/11/1994).
- PRÍNCIPE, César. «O Sentido de Nadir», *Jornal de Notícias*, Porto (01/05/1999).
- QUADROS FERREIRA, António. «Sensibilidade Plástica em Nadir Afonso», *Jornal de Notícias*, Porto (14/06/1983).
- QUADROS FERREIRA, António. “A Geometria Nadiriana, ou o aprofundamento da teoria como estratégia da parrêsia”. In *Revista de Ciências da Arte, Convocarte*, Nº 3, Arte e Geometria, Lisboa: CIEBA/FBAUL, 2016, pp 146-166. ISSN: 2183-6973.
- QUADROS FERREIRA, António. “A Pintura Antes da Pintura, ou a pintura de grau zero”. Comunicação. ICOCEP, Congresso Internacional de Pintura Contemporânea, FBAUP/i2ADS. Porto, Portugal, 2017.
- QUADROS FERREIRA, António. “Nadir Afonso, a arte de uma diáspora”. In *Dossier Nadir Afonso, a arte de uma diáspora* (coordenação), *Revista Visuais*. Brasil: Unicamp, 2019.
- REAL, André. «Nadir Afonso na Galeria Divulgação», *Diário de Notícias*, Lisboa (22/10/1959).
- ROCHA, Arlindo Gonçalves. «A propósito de uma exposição», *O Primeiro de Janeiro*, Porto (21/10/1959).
- SANTOS, João Plácido. «Nadir Afonso expõe na Galeria 5». *Jornal de Coimbra*, Coimbra, (14/10/1987).
- SEGADE, Juan Manuel Gómez. «El itinerário lógico de Nadir Afonso», *Diário de Granada*, Granada (09/01/1985).
- SÉRGIO, Octávio. «A Exposição de Pintura do arquitecto Nadir Afonso na Escola Superior de Belas-Artes», *O Norte Desportivo* (14/02/1963).
- SILVA, Germano. «É sempre consolador verificar que a nossa obra é compreendida», *Jornal de Notícias*, Porto (14/07/1972).
- SOUSA, Enes. «Mil desculpas – mas queremos mais da arte moderna!», *Acção* (25/01/1945).
- STTAU-MONTEIRO, Luís. «Mini auto-retrato (ajudado) de Nadir Afonso», *Diário de Notícias*, Lisboa (27/04/1979).
- TABORDA, Américo. «A IX Exposição de Arte Moderna», *Século Ilustrado*, Lisboa (10/02/1945).
- «44 Quadros vendidos em 24 horas: “A qualidade da pintura de Nadir Afonso, eis o mais importante” afirma Jaime Isidoro, responsável pela exposição», *Diário Popular*, Lisboa (13/07/1972).
- «A Entrevista do dia. “Nadir Afonso (colaborador de Oscar Niemeyer): Não considero hoje a arquitectura uma arte”», *Diário Ilustrado*, (22/11/1962).
- «A pintura e as teorias de Nadir Afonso por ele próprio e outras definidas», *Diário de Notícias*, Lisboa (16/01/1971)
- «A Ver». *Jornal de Notícias*, Porto (24/01/1997).

- «Entrevista com Karl Popper – criatividade hipótese, problemas», [Entrevista a Franz Kreuzer], *Crítica: Revista do Pensamento Contemporâneo*, nº 1, Centro da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, Maio, 1987.
- «Cidades Expostas: Cidades Sonhadas», *Diário de Lisboa*, Lisboa (27/01/1987).
- «Desenhos de Fernando Lanhas, 1ª série, Cadernos de Nove Musas - Sob o Signo de "Portvcale", separata de "Portvcale"», 2ª série, volume III, Porto, 1948.
- «Discípulo de Nadir Afonso. Arquitectura: Carlos de Almeida morreu em Coimbra aos 89 anos», *Público* (27/12/2009).
- «Documentário sobre Nadir hoje na TV2», *Jornal de Notícias*, Porto (20/11/1994).
- «Ecos: A exposição de Nadir Afonso», *O Primeiro de Janeiro*, Porto (06/03/1963).
- «Êxito ímpar na Galeria Alvarez. Vendidos por quase 4 mil contos. Quadros-óleos de Nadir Afonso!», *Jornal de Notícias*, Porto (07/07/1972).
- «Exposições: Nadir Afonso», *Diário Popular*, Lisboa (06/07/1961).
- «IX Exposição de Arte Moderna», *Diário de Lisboa*, Lisboa (18/01/1945).
- «Jorge Campos filma Nadir Afonso para o "Artes e Letras"», *A Capital* (17/12/1993).
- «*Jornal Comércio do Porto*, Porto (04/05/1979).
- «*Jornal Era Nova, Necrologia: Pintor Alves Cardôso*, Chaves (16 /03 1930).
- «Mestre Nadir na televisão», *Jornal de Chaves*, Chaves (25/11/1994).
- «Nadir Afonso - Lirismo y fantasía de la geometría», *El Punto de las Artes*, Madrid (29/05/1997).
- «Nadir Afonso apresenta-se na terceira pessoa», *Correio da Manhã*, Lisboa (29/11/1990). «Nadir Afonso expõe na Escola Superior de Belas-Artes do Porto», *Diário do Norte* (08/02/1963).
- «Nadir Afonso responde a algumas perguntas» [entrevista], *A Capital*, Lisboa (17/02/1971). «Nadir Afonso. A outra geometria», *J.L. - Jornal de Letras, Artes e Ideias* (20/02/1990).
- «Nadir Afonso: Uma estética racional numa arte intuitiva», *Letras & Letras* nº 27, Porto, Março 1990.
- «Nadir Afonso. Expõe em Lisboa», *Comércio do Porto*, Porto (7/3/1978).
- «Nadir Afonso: Lirismo y fantasia de la geometría», *El Punto de las Artes*, Madrid (23/05/1997).
- «Necrologia: Pintor Alves Cardoso», *Era Nova*, Chaves (16/03/1930).
- «No Estúdio do S. N. I., a 9ª Exposição de Arte Moderna foi ontem inaugurada», *Diário de Notícias*, Lisboa (18/01/1945).
- «O êxito da exposição de Nadir Afonso em Paris», *República*, Lisboa (12/05/1970).
- «Obra de Nadir Afonso em Lisboa», *Diário Popular*, Lisboa (29/11/1990).
- «Que pensa Nadir Afonso do seu êxito no Porto», *Jornal de Notícias*, Porto (14/07/1972). «"Record" no sector artístico nacional, 3.900 contos de quadros vendidos em três "horas», *República*, Lisboa (05/07/1972).
- «Vida Artística», *O Primeiro de Janeiro*, Porto, (23/03/1940).

3. obra

1936

Nadir Afonso, *Campinas*, óleo sobre tela, 23x34

Nadir Afonso, *Canto do Rio*, óleo sobre tela, 38x30,7

Nadir Afonso, *Rua da Cadeia*, óleo sobre tela, 31,5x31,8

1937

Nadir Afonso, *Larouco*, óleo sobre tela, 29x38,5

Nadir Afonso, *Retrato, Anónimo*, óleo sobre tela, 40x45

1938

Nadir Afonso, *Arredores*, óleo sobre tela, 31x37

Nadir Afonso, *Fim de Tarde*, óleo sobre tela, 51,6x36,9

Nadir Afonso, *La Source*, carvão sobre papel vegetal, 12,5x16,5

Nadir Afonso, *Gaia*, lápis sobre papel, 24x24,5

Nadir Afonso, *Clérigos*, tinta-da-china sobre papel, 18,5x18,8

1936-38

Nadir Afonso, *Rio Cávado*, óleo sobre tela, 30x32

1939

Nadir Afonso, *Ponte Luís I*, óleo sobre tela, 22,2x22,5

Nadir Afonso, *Sem título*, óleo sobre tela, 22,2x22,5

Nadir Afonso, *Vila Nova de Gaia*, técnica mista sobre papel, 13x13,3

Nadir Afonso, *Fati*, óleo sobre tela, 30x40

1940

Nadir Afonso, *Estudo para Vila Nova de Gaia*, lápis de cor sobre papel vegetal colado em papel, 15,5x18,5

Nadir Afonso, *Gaia*, lápis de carvão sobre papel, 13x13,5

Nadir Afonso, *Estudo para Vila Nova de Gaia*, técnica mista sobre papel, 15x15,5

Anos 40

Nadir Afonso, *Praça da Ribeira*, técnica mista sobre papel, 19,8x27,3

Nadir Afonso, *Praça da Liberdade e Avenida dos Aliados*, técnica mista sobre papel, 21,5x31

Nadir Afonso, *O Porto sobre o Douro*, técnica mista sobre papel, 25x30,5

Nadir Afonso, *Praça da Liberdade*, técnica mista sobre papel, 22x26,5

Nadir Afonso, *Clérigos*, técnica mista sobre papel, 24,8x32,7

Nadir Afonso, *A Igreja dos Grilos*, técnica mista sobre papel, 26,5x37

Nadir Afonso, *Ponte D. Luís*, técnica mista sobre papel, 25,5x27

Nadir Afonso, *Ponte Luís I*, lápis de cor sobre papel, 23x30

Nadir Afonso, *Barcos Rabelos*, técnica mista sobre papel, 23x33

Nadir Afonso, *Porto Antigo (Sé)*, técnica mista sobre papel, 23x32

Nadir Afonso, *Vista do Miradouro dos Grilos*, técnica mista sobre papel, 24,5x34,5

1941

- Nadir Afonso, *Clérigos*, óleo sobre platex, 50,4x47,5
 Nadir Afonso, *Ponte Luís I*, técnica mista sobre papel, 25,5x27
 Nadir Afonso, *Estudo para Limassol*, técnica mista sobre papel, 21x25
 Nadir Afonso, *O Arquitecto*, óleo sobre tela, sem dimensões.

1942

- Nadir Afonso, *Ribeira*, óleo sobre tela, 38x60,5
 Nadir Afonso, *Vila Nova de Gaia*, óleo sobre tela, 51,5x48,8
 Nadir Afonso, *A Sebastianista*, lápis de cor sobre papel, 13,5x15

1943

- Nadir Afonso, *Praça da Batalha*, óleo sobre tela, 65x50
 Nadir Afonso, *Estudo para Flores*, pastel seco sobre papel, 20x21,5
 Nadir Afonso, *Estudo para Metamorfose*, pastel seco sobre papel, 25x24,5
 Nadir Afonso, *Estudo para Bruxedo*, pastel seco sobre papel, 18x20,5
 Nadir Afonso, *Estudo para Metamorfose*, pastel seco sobre papel, 25x24,5
 Nadir Afonso, *Estudo para Metalocromia*, pastel seco sobre papel, 25x24,5
 Nadir Afonso, *Estudo para Flores*, pastel seco sobre papel, 24,5x26,5

1944

- Nadir Afonso, *Composição*, óleo sobre tela, 64x74,5
 Nadir Afonso, *Geometria irisada*, óleo sobre tela, 74x64
 Nadir Afonso, *Máquina de Costura*, óleo sobre tela, 70x73
 Nadir Afonso, *Cais de Santos*, óleo sobre tela, 100x100
 Nadir Afonso, *Estudo para Formas Híbridas*, pastel seco sobre papel, 17,5x20,5
 Nadir Afonso, *Estudo para Máquina de Costura*, guache e pastel seco sobre papel, 22,2x20

1944-56

- Nadir Afonso, *Máquina de Costura*, óleo sobre tela, 70x73

1945

- Nadir Afonso, *Bruxedo*, óleo sobre tela, 74x74
 Nadir Afonso, *Évora Surrealista*, óleo sobre contraplacado de madeira, 57x68
 Nadir Afonso, *Oliveiras Centenárias*, óleo sobre madeira, 452,2x48,9
 Nadir Afonso, *Potes (Vasilhas)*, óleo sobre tela, 46x41
 Nadir Afonso, *Estudo para Composição*, pastel seco sobre papel colado em cartão, 20x21
 Nadir Afonso, *Estudo para Máquina de Costura*, lápis de cor sobre papel vegetal, 17,5x21

1946

- Nadir Afonso, *Máquina de Sonhos*, óleo sobre tela, 74x64
 Nadir Afonso, *Metamorfozes*, óleo sobre tela, 73x70
 Nadir Afonso, *Composição*, óleo sobre tela, 70x74,4
 Nadir Afonso, *Metamorfose Artificial*, óleo sobre tela, 70x74
 Nadir Afonso, *Formas Híbridas*, óleo sobre tela, 70,5x74,5

Nadir Afonso, *Composição Irisada*, óleo sobre tela, 74,5x74,5
 Nadir Afonso, *Estudo para Composição Geométrica*, técnica mista sobre papel vegetal, 8x8
 Nadir Afonso, *Estudo para Composição Geométrica*, técnica mista sobre papel vegetal, 6,5x7
 Nadir Afonso, *Estudo para Ailes*, guache sobre papel, 9x9,1
 Nadir Afonso, *Estudo para Ailes*, pastel seco sobre papel, 19x20,5

1946-51

(arquitetura) Nadir Afonso, *Fábrica Claude et Duval*, Saint-Dié (plano urbano), 1946-51, Fundação Le Corbusier & Olivier Martin Gambier.

1947

Nadir Afonso, *Composição Geométrica*, óleo sobre tela, 64,2x70,3
 Nadir Afonso, *Composição Geométrica*, óleo sobre tela, 94x104,3
 Nadir Afonso, *Demogorgon*, óleo sobre tela de serapilheira, 63,7x74
 Nadir Afonso, *Metais*, óleo sobre tela, 64x74
 (arquitetura) Nadir Afonso, *Cité Radieuse*, Desenho de Nadir Afonso, 1947, Magazine, "L'Homme et L'Architecture", 11, 12, 13 e 14.

1948

Nadir Afonso, *Composição Geométrica*, óleo sobre tela, 85,4x69,4
 Nadir Afonso, *Composição Geométrica*, óleo sobre tela, 70x70
 Nadir Afonso, *Composição Geométrica*, óleo sobre tela, 65,4x69,4
 Nadir Afonso, *Morfometrias*, acrílico sobre tela, 99,5x95
 Nadir Afonso, *Ailes*, óleo sobre tela, 69x73
 Nadir Afonso, *Geometrias*, técnica mista sobre papel vegetal, 13x14,5
 Nadir Afonso, *Morfometrias*, técnica mista sobre papel, 12,7x13,5
 Nadir Afonso, *Composição*, guache sobre papel, 14,5x19
 Nadir Afonso, *Composição*, guache sobre papel, 18,2x14,5
 (arquitetura) Nadir Afonso, *Campo Alegre* (plano urbano), 1948-49, Fundação Marques da Silva (FIMS/FT/0007-pd0004).

1949

Nadir Afonso, *L'Opéra*, óleo sobre tela, 68x94,5
 Nadir Afonso, *Estudo para Pré-Geometrias*, técnica mista sobre papel, 13,5x20,5
 Nadir Afonso, *Estudo para Formas Pré-Geométricas*, técnica mista sobre papel, 12,5x13
 Nadir Afonso, *Panthéon*, aguarela sobre papel, dimensões desconhecidas

1950

Nadir Afonso, *Composição*, gliceroftálicas sobre platex, 68x85,5
 Nadir Afonso, *Estudo para Friso do Falcão*, técnica mista sobre papel, 12,1x21,1
 Nadir Afonso, *Florença*, técnica mista sobre papel, dimensões desconhecidas
 (arquitetura) Nadir Afonso, CODA 104 – *Casa sobre o Mar*, FAUP: Centro de Documentação.
 (arquitetura) Nadir Afonso, Aniversário de Le Corbusier – edição especial do *Modulor*.

1950-51

(arquitectura) Nadir Afonso, *Unité d'Habitation & Saint-Dié*, 1950-51, Fundação Le Corbusier.

1951

Nadir Afonso, *Estudo para Formas Pré-Geométricas*, técnica mista sobre papel, 12,5x13

Nadir Afonso, *Formas Pré-Geométricas*, óleo sobre tela, 97,8x99

Nadir Afonso, *Friso do Falcão*, óleo sobre tela, 82,3x127,5

Nadir Afonso, *Jardin du Luxembourg*, óleo sobre tela, 55,8x74

Nadir Afonso, *Estrela Cadente*, óleo sobre tela, 76,2x116,5

Nadir Afonso, *Le Dieu Rá*, óleo sobre tela, 94,5x110

Nadir Afonso, *Conchas*, óleo sobre tela, 88x113,5

Nadir Afonso, *Relevo de Karnak*, óleo sobre tela, 66,2x97

Nadir Afonso, *San Marco*, lápis de cor sobre papel, dimensões desconhecidas

Nadir Afonso, *San Michele*, lápis de cor sobre papel, dimensões desconhecidas

1952

Nadir Afonso, *Estudo para La Vie Végétale*, guache sobre papel, 20x13,5

Nadir Afonso, *Áspide*, óleo sobre tela, 95x126,5

Nadir Afonso, *Geometrias*, óleo sobre tela, 95,1x132,1

(arquitectura) Nadir Afonso, *Estudos de Arquitectura*, 1952, Arquivo Fundação Nadir Afonso.

1953

Nadir Afonso, *Serpente*, guache sobre papel, 23,5x39

Nadir Afonso, *Estudo para Hórus*, técnica mista sobre papel, 11x16,1

Nadir Afonso, *Hórus*, óleo sobre tela, 95,5x135,5

Nadir Afonso, *Espacillimité*, óleo sobre tela, 88x130

Nadir Afonso, *Composição Geométrica*, óleo sobre tela, 94,5x131,2

Nadir Afonso, *Flora*, óleo sobre tela, 83x98,5

1953-54

Nadir Afonso, *Quatro Cores*, gliceroftálicas sobre platex, 59,5x83

1954

Nadir Afonso, *Espacillimité Composition*, óleo sobre tela, 81x142,3

Nadir Afonso, *Les Spirales*, gliceroftálicas sobre platex, 85,5x68

Nadir Afonso, *Les Spirales*, óleo sobre tela, 84,4x67,2

Nadir Afonso, *Charenton*, óleo sobre tela, 174x247

Nadir Afonso, *Gardénias*, óleo sobre tela, 90,5x128,5

Nadir Afonso, *Frise des Coqs*, óleo sobre tela, 83,5x129,2

Nadir Afonso, *Spirale Bleu*, gliceroftálicas sobre platex, 67,4x56

(arquitectura) Nadir Afonso, colaboração na elaboração do projecto do *Parque Ibirapuera*, de Oscar Niemeyer, no IV Centetário de S. Paulo, 1954, Fundação Oscar Niemeyer.

1954-55

(arquitectura) Nadir Afonso, Concurso para o *Monumento ao Infante D. Henrique*, Sagres, 1954-55.

1955

Nadir Afonso, *Rituel*, óleo sobre tela, 55x98,2

Nadir Afonso, *Offrandes*, óleo sobre tela, 106,8x185,5

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité (Máquina Cinética)*, guache sobre papel, 26,3x68,1

Nadir Afonso, *Copacabana*, óleo sobre tela, 83,7x129,1

Nadir Afonso, *Caracteres*, óleo sobre tela, 115x94

1956

Nadir Afonso, *Osíris*, óleo sobre tela, 64,3x87

Nadir Afonso, *Le Grand Canal*, óleo sobre tela, 85,5x122,5

Nadir Afonso, *Espacillimité (Máquina Cinética)*, óleo sobre tela, 96,8x135,7x41

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité (Máquina Cinética)*, guache sobre papel, 26,1x57,9

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité (Máquina Cinética)*, guache sobre papel, 25,9x69,5

Nadir Afonso, *Jeu*, óleo sobre tela, 51,2x95

1957

Nadir Afonso, *Sofia*, aguarela sobre papel, dimensões desconhecidas

(arquitectura) Nadir Afonso, *Estudo morfológico* do projecto para o Teatro Rotativo, 1957 – p. 16

(arquitectura) Nadir Afonso, *Teatro Rotativo*, 1957, Fundação Nadir Afonso.

1958

Nadir Afonso, *Espacillimité*, óleo sobre tela, 77x144

Nadir Afonso, *Espacillimité*, óleo sobre tela, 66,1x117

Nadir Afonso, *Espacillimité*, óleo sobre tela, 82,6x124

Nadir Afonso, *Belatrix-NB*, óleo sobre tela, 69x100

1959

Nadir Afonso, *Composition Rouge*, óleo sobre tela, 70x100

Nadir Afonso, *La Concorde*, óleo sobre tela, 73x96

Nadir Afonso, *La Marne*, óleo sobre tela, 66x90

Nadir Afonso, *Place de Châtelet*, óleo sobre tela, 70,5x96,8

Nadir Afonso, *Sintra*, óleo sobre tela, 96x138

Nadir Afonso, *Espacillimité*, óleo sobre tela, 84,3x141

1960

Nadir Afonso, *Catedrais*, óleo sobre tela, 92x130

1960-61

(arquitectura) Nadir Afonso, *Casa na Madalena*, Chaves, Arquivo Municipal, 1960-61.

1960-64

Nadir Afonso, *Idade Média*, óleo sobre tela, 87x120

1961

(arquitectura) Nadir Afonso, *Casa Avenida 5 de Outubro*, 1961, Chaves, Arquivo Municipal de Chaves.

(arquitectura) Nadir Afonso, *Plano urbano de Chaves*, 1961, Arquivo Municipal de Chaves.

(arquitectura) Nadir Afonso, *Projecto para o Cineteatro de Chaves* (não construído), 1961

(arquitectura) Nadir Afonso, *Proposta para a Rua Dr^o António José de Almeida*, Chaves, 1961.

1962

Nadir Afonso, *Château de Compiègne*, óleo sobre tela, 95x128

Nadir Afonso, *Fontainebleau I*, óleo sobre tela, 84,5x129

Nadir Afonso, *Les Villes*, óleo sobre tela, 88,9x130,5

Nadir Afonso, *Veneza*, óleo sobre tela, 82,7x130

(arquitectura) Nadir Afonso, *Panificadora de Chaves*, 1962, Arquivo Municipal de Chaves.

1963

Nadir Afonso, *Composition Vert*, óleo sobre tela, 68,8x99,5

1964

Nadir Afonso, *A Cidade das Catedrais*, óleo sobre tela, 87x120

(arquitectura) Nadir Afonso, *Banhos Termas* (plano urbano), 1964, Arquivo Municipal de Chaves.

(arquitectura) Nadir Afonso, projecto (não construído) para um pequeno *edifício residencial em S. Roque*, Chaves, 1964.

(arquitectura) Nadir Afonso, *Anteplano de urbanização da cidade de Chaves* (planta topográfica), 1964.

1965

Nadir Afonso, *Campos de San Zanipolo*, óleo sobre tela, 85x130

(arquitectura) Nadir Afonso, *Panificadora de Vila Real*, 1965, Arquivo Municipal de Vila Real.

1966

Nadir Afonso, *Espacillimité*, óleo sobre tela, 85x125,8

1967

Nadir Afonso, *Londrina I*, óleo sobre tela, 80x130

1968

Nadir Afonso, *Os Portugueses*, óleo sobre tela, 80x125, 1968.

Nadir Afonso, *Labirinto*, acrílico sobre tela, 96x117

Nadir Afonso, *Lisboa*, óleo sobre tela, 94x115

Nadir Afonso, *Babilónia*, óleo sobre tela, 87x143,5

Nadir Afonso, *Silices*, óleo sobre tela, 93x127

1970

Nadir Afonso, *La Cité*, óleo sobre tela, 93x103

Nadir Afonso, *Baía Blanca*, acrílico sobre tela, 93,5x133

Nadir Afonso, *Canal de L'Ourcq*, óleo sobre tela colada em platex, 87x107

Nadir Afonso, *Place Barroque*, óleo sobre tela colada em platex, 75x89

Nadir Afonso, *Saphires*, óleo sobre tela, 80x112

Nadir Afonso, *Cornualha*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

1971

Nadir Afonso, *Bruxelas*, óleo sobre tela, 89x138

Nadir Afonso, *L'Aurore des Villes*, óleo sobre tela colada em platex, 87x133

1972

Nadir Afonso, *Florida*, óleo sobre tela, 82x110

1973

Nadir Afonso, *Acrópole*, óleo sobre tela, 71,5x85,5

Nadir Afonso, *Mont Saint-Michel*, óleo sobre tela, 90x122

1975

Nadir Afonso, *São Paulo*, guache sobre papel, dimensões desconhecidas

1976

Nadir Afonso, *Rio I*, óleo sobre tela, 92x127

1977

Nadir Afonso, *S. Paulo*, guache sobre papel, 28,5x41

1978

Nadir Afonso, *Varsóvia*, acrílico sobre tela, 93x134

Nadir Afonso, *Porto Rico*, óleo sobre tela, 87x118,5

Nadir Afonso, *S. Petersburgo*, óleo sobre tela, 76,5x110,5

Nadir Afonso, *Chaves*, guache sobre papel, 30x34

1979

Nadir Afonso, *Paysage Mexicaine*, óleo sobre tela, 74x125

1982

Nadir Afonso, *Sílvia Áurea*, acrílico sobre tela, 97,5x117,5

1968-83

Nadir Afonso, *Labirinto*, acrílico sobre tela, 96x117

1984

Nadir Afonso, *Montréal*, óleo sobre tela, dimensões desconhecidas

1989

Nadir Afonso, *Pontes de S. Petersburgo*, óleo sobre tela, 92,5x122

1992

Nadir Afonso, *Aarhus*, acrílico sobre tela, 83x131,5

1993

Nadir Afonso, *Ibirapuera*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

1997

Nadir Afonso, *Madrid*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

1999

Nadir Afonso, *A Cidade dos Príncipes*, acrílico sobre tela, 96x135

Nadir Afonso, *Manila*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

2000

Nadir Afonso, *Gare de Austerlitz*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

Nadir Afonso, *Viena*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

Nadir Afonso, *Íris*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

Nadir Afonso, *Pequim*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

2001

Nadir Afonso, *La Seine et le Grand Palais*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

Nadir Afonso, *As Pontes sobre o Reno*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

2001-02

Nadir Afonso, *Baía*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

2002

Nadir Afonso, *Procissão em Veneza*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

Nadir Afonso, *Jardins da Pensilvânia*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

2003

Nadir Afonso, *Nova Iorque*, acrílico sobre tela, 94x138

Nadir Afonso, *Dusseldorf*, acrílico sobre tela, 200x215

2006

Nadir Afonso, *Os Doges de Veneza*, acrílico sobre tela, 194x260

2007

Nadir Afonso, *Chicago*, acrílico sobre tela, 88,5x138

Nadir Afonso, *Toronto*, acrílico sobre tela, 152x228

Nadir Afonso, *Seattle*, acrílico sobre tela, 180x196

Nadir Afonso, *Finlândia*, guache sobre papel, dimensões desconhecidas

2008

Nadir Afonso, *Kuala Lumpur*, acrílico sobre tela, 190x210

2009

Nador Afonso, *Abu Dhabi*, acrílico sobre tela, dimensões desconhecidas

2010

Nadir Afonso, *Mármara*, acrílico sobre tela, 174,5x234

Nadir Afonso, *A Cidade Incerta*, acrílico sobre tela, 174x247

Nadir Afonso, *A Praia das Sereias*, acrílico sobre tela, 97x139

Estudos

1942

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 15,5x17

Nadir Afonso, *Estudo*, pastel seco sobre papel, 15x15,5

1943

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel vegetal, 9x11,5

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel vegetal, 6x16,5

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel vegetal, 15,5x16,5

Nadir Afonso, *Estudo*, lápis de cor e pastel seco sobre papel vegetal, 16x17,5

Nadir Afonso, *Estudo*, pastel seco sobre papel, 18,5x18,5

Nadir Afonso, *Estudo*, pastel seco sobre papel, 13,5x17,5

Nadir Afonso, *Estudo*, pastel seco sobre papel sobre cartão, 12x18

Nadir Afonso, *Estudo para Metamorfose*, pastel seco sobre pastel, 25x24,5

Nadir Afonso, *Estudo para Metalocromia*, pastel seco sobre papel, 25x24,5

Nadir Afonso, *Estudo para Flores*, pastel seco sobre papel, 24,5x26,5

Nadir Afonso, *Estudo para Bruxedo*, pastel seco sobre papel, 18x20,5

1944

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 17,5x21,5

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 11,4x14,1

Nadir Afonso, *Estudo*, guache sobre cartolina, 9,5x11,3

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel vegetal, 7,3x7,5

Nadir Afonso, *Estudo*, pastel seco sobre papel, 16x16,5

Nadir Afonso, *Estudo*, pastel seco sobre papel, 17,5x19

Nadir Afonso, *Estudo para Formas Híbridas*, pastel seco sobre papel, 17,5x20,5

Nadir Afonso, *Estudo para Máquina de Costura*, guache e pastel seco sobre papel, 22,2x20

1945

Nadir Afonso, *Estudo*, lápis de carvão e pastel seco sobre papel, 16x17

Nadir Afonso, *Estudo*, lápis de carvão sobre papel vegetal, 10,7x11

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 9x12,5

Nadir Afonso, *Estudo*, lápis de cor e pastel seco sobre papel vegetal, 6,5x9,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, pastel seco sobre papel, 25x26
 Nadir Afonso, *Estudo para Composição*, pastel seco sobre papel colado em cartão, 20x21
 Nadir Afonso, *Estudo para Máquina de Costura*, lápis de cor sobre papel vegetal, 17,5x21

1946

Nadir Afonso, *Estudo*, lápis de carvão e lápis de cor sobre papel, 12,5x10,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 7x10
 Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel vegetal, 14,5x16,2
 Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 8x9
 Nadir Afonso, *Estudo*, pastel seco sobre papel, 17x19,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, guache sobre papel, 23,5x32
 Nadir Afonso, *Estudo*, pastel seco sobre papel vegetal, 8x8
 Nadir Afonso, *Estudo para Composição*, pastel seco sobre papel colado em cartão, 20x21
 Nadir Afonso, *Estudo para Máquina de Costura*, lápis de cor sobre papel vegetal, 17,5x21

1947

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel vegetal, 6x6,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 17x18
 Nadir Afonso, *Estudo*, guache sobre papel, 20,6x26,3
 Nadir Afonso, *Estudo*, pastel seco sobre papel, 18x22,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 16x16,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, pastel seco sobre papel vegetal, 8x8
 Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 11,5x13,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, lápis de carvão e pastel seco, 9x12,7
 Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel vegetal, 11x14

1948

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 24x24,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 6x9,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 15,5x17
 Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 15,5x17,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 15,5x20
 Nadir Afonso, *Estudo*, guache sobre papel, 8,7x10,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, guache sobre papel, 16,5x21,5
 Nadir Afonso, *Geometrias*, técnica mista sobre papel vegetal, 13x14,5
 Nadir Afonso, *Morfometrias*, técnica mista sobre papel, 12,7x13,5
 Nadir Afonso, *Composição*, guache sobre papel, 14,5x19
 Nadir Afonso, *Composição*, guache sobre papel, 18,2x14,5

1949

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 16,5x22,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, aguarela sobre papel, 13,2x20,5
 Nadir Afonso, *Estudo*, guache sobre papel, 13,5x19,5

Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 16,5x19
Nadir Afonso, *Estudo*, lápis de cor e aguarela sobre papel, 12,5x16
Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 13,2x25,3
Nadir Afonso, *Estudo*, aguarela sobre papel, 11,2x21,7
Nadir Afonso, *Estudo*, lápis de carvão e pastel seco sobre papel, 13,5x14,7
Nadir Afonso, *Estudo*, lápis de carvão sobre papel, 15,5x14
Nadir Afonso, *Estudo para Pré-Geometrias*, técnica mista sobre papel, 13,5x20,5
Nadir Afonso, *Estudo para Formas Pré-Geométricas*, técnica mista sobre papel, 12,5x13

1950

Nadir Afonso, *Estudo*, lápis de cor sobre papel vegetal, 14,5x18,5
Nadir Afonso, *Estudo*, técnica mista sobre papel, 12,5x23,2
Nadir Afonso, *Estudo para Friso do Falcão*, técnica mista sobre papel, 12,1x21,1

1951

Nadir Afonso, *Estudo para Formas Pré-Geométricas*, técnica mista sobre papel, 12,5x13

1952

Nadir Afonso, *Estudo para La Vie Végétale*, guache sobre papel, 20x13,5

1953

Nadir Afonso, *Estudo para Hórus*, técnica mista sobre papel, 11x16,5

1955

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité (Máquina Cinética)*, guache sobre papel, 26,3x68,1

1956

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité (Máquina Cinética)*, guache sobre papel, 26,1x57,9
Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité (Máquina Cinética)*, guache sobre papel, 25,9x69,5

obra não datada

Nadir Afonso, *Príncipes*, óleo sobre tela, 96x133

Nadir Afonso, *Offrandes*, óleo sobre tela, 61x100,5

Nadir Afonso, *Perspectiva II*, óleo sobre tela, 88x115,5

Nadir Afonso, *Ailes*, óleo sobre tela, 70x74

Nadir Afonso, *Estudo para Composição*, guache sobre cartão, 17x21,5

Nadir Afonso, *Estudo para Osíris*, guache sobre papel colado em cartão, 13,5x19,2

Nadir Afonso, *Estudo para Frise des Coqs*, técnica mista sobre papel, 12,6x23,5

Nadir Afonso, *Estudo para San Zanipolo*, aguarela sobre papel, 23,6x30,4

Nadir Afonso, *Espacillimité Composition*, aguarela sobre papel, 13,5x21

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité*, guache e caneta sobre papel, 15,8x32,9

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité*, aguarela sobre papel, 18,6x32,2

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité*, aguarela sobre papel, 19,2x29,8

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité*, aguarela sobre papel, 19,3x29,8

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité*, aguarela sobre papel, 19,5x30

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité*, aguarela sobre papel, 22,1x32,4

Nadir Afonso, *Estudo para Espacillimité*, aguarela sobre papel, 19,4x29,8

Nadir Afonso, *Chaves*, caneta e lápis sobre papel, 14,8x20